



Concepções Milenistas: Pré-milenismo, Pós-milenismo e Amilenismo

Artigo: nº 0.010

Por: Pr. Reginaldo Cresencio,

13 de agosto de 2026, São Carlos - SP.

Textos-base: Apocalipse 20.1–10 (NVI)

1 Vi descer do céu um anjo que trazia na mão a chave do abismo e uma grande corrente.

2 Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o acorrentou por mil anos;

3 lançou-o no abismo, fechou-o e pôs um selo sobre ele, para assim impedi-lo de enganar as nações até que terminassem os mil anos. Depois disso, é necessário que ele seja solto por um pouco de tempo.

4 Vi tronos em que se assentaram aqueles a quem havia sido dada autoridade para julgar. Vi as almas dos que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus. Eles não tinham adorado a besta nem a sua imagem, e não tinham recebido a sua marca na testa nem nas mãos. Eles ressuscitaram e reinaram com Cristo durante mil anos.

5 (O restante dos mortos não voltou a viver até se completarem os mil anos.) Esta é a primeira ressurreição.

6 Felizes e santos os que participam da primeira ressurreição! A segunda morte não tem poder sobre eles; serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele durante mil anos.

7 Quando terminarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão

8 e sairá para enganar as nações que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-las para a batalha. Seu número é como a areia do mar.

9 As nações marcharam por toda a superfície da terra e cercaram o acampamento dos santos, a cidade amada; mas um fogo desceu do céu e as devorou.

10 O diabo, que as enganava, foi lançado no lago de fogo que arde com enxofre, onde já haviam sido lançados a besta e o falso profeta. Eles serão atormentados dia e noite, para todo o sempre.

Introdução

Poucos textos da Escritura produziram tantas discussões escatológicas quanto Apocalipse 20.1–10. É nessa passagem que João descreve Satanás sendo preso, os santos reinando com Cristo durante mil anos, uma primeira ressurreição, a posterior libertação de Satanás, a última rebelião das nações e sua derrota definitiva. A expressão “mil

anos” aparece repetidamente no texto e deu origem ao termo “milênio”, utilizado pela teologia cristã para identificar diferentes interpretações acerca desse período.

As três principais concepções são conhecidas como pré-milenismo, pós-milenismo e amilenismo. Todas procuram responder à mesma questão

fundamental: **qual é a relação entre os mil anos de Apocalipse 20 e a segunda vinda de Cristo?** O pré-milenismo entende que Cristo voltará antes do milênio; o pós-milenismo situa sua volta depois desse período; o amilenismo também coloca a segunda vinda após o período descrito como milênio, mas compreende esse período de maneira distinta, identificando-o essencialmente com a presente era do reinado de Cristo entre sua primeira e segunda vindas.¹

Essa divergência precisa ser colocada em sua devida proporção. Estamos diante de uma questão importante de interpretação bíblica, mas não diante de uma doutrina que determine, por si mesma, se alguém pertence ou não à fé cristã. Cristãos comprometidos com a inspiração das Escrituras, a divindade de Cristo, sua morte expiatória, sua ressurreição corporal e sua segunda vinda chegaram a conclusões diferentes sobre o milênio.

Há, portanto, uma diferença entre **discordar sobre a volta de Cristo e discordar sobre determinados acontecimentos relacionados à sua volta.** As três posições históricas aqui consideradas confessam que Jesus Cristo voltará pessoal e gloriosamente. A discussão diz respeito principalmente à maneira como determinadas profecias devem ser relacionadas entre si.

Essa distinção é pastoralmente importante. A escatologia pode facilmente se tornar terreno para especulação, disputas e classificações

apressadas. O propósito desta aula será diferente. Procuraremos compreender cada posição da maneira como seus melhores representantes a apresentam, examinar seus principais argumentos e, finalmente, avaliá-la à luz do conjunto das Escrituras.

Nossa posição será apresentada com clareza. Consideramos que a interpretação **amilenista** oferece a compreensão mais coerente do testemunho bíblico acerca do Reino de Deus, da segunda vinda, da ressurreição e do julgamento final. Isso, porém, não nos autoriza a apresentar as demais posições de maneira superficial. Se uma interpretação não consegue sobreviver depois que os melhores argumentos de seus opositores são apresentados corretamente, dificilmente merece nossa confiança.

Antes de compararmos os três sistemas, porém, existe uma questão ainda mais fundamental: precisamos compreender como devemos ler Apocalipse 20.

Antes do milênio: como devemos interpretar Apocalipse?

Um dos erros mais comuns no estudo da escatologia consiste em chegar a Apocalipse com um sistema previamente construído e procurar encaixar cada imagem do livro dentro dele. O procedimento deveria ser inverso. Primeiro precisamos perguntar que tipo de literatura estamos lendo, como o

¹ Os termos *pré-milenismo*, *pós-milenismo* e *amilenismo* descrevem principalmente a relação entre a segunda vinda de Cristo e o milênio de Apocalipse 20. O termo “amilenismo” pode ser enganoso, pois essa posição não nega o milênio; entende-o como uma realidade presente e

predominantemente espiritual do reinado de Cristo, e não como um reino terreno futuro inaugurado depois da segunda vinda. Cf. HOEKEMA, Anthony A. *A Bíblia e o Futuro*; RIDDLEBARGER, Kim. *A Case for Amillennialism*.

próprio livro utiliza símbolos e de que maneira sua estrutura organiza os acontecimentos apresentados a João.

Apocalipse pertence ao gênero profético-apocalíptico. Isso significa que comunica verdades históricas e teológicas por meio de visões repletas de símbolos. João vê animais, chifres, estrelas, dragões, mulheres, cidades, cavaleiros e números. Essas imagens não tornam o livro menos verdadeiro. Ao contrário, são justamente o meio escolhido por Deus para comunicar sua verdade.

Quando João afirma que viu “um Cordeiro, que parecia ter estado morto, de pé, no centro do trono” (Ap 5.6), ninguém conclui que Jesus tenha se transformado literalmente em um animal. O símbolo é real em seu significado, embora não precise ser literal em sua forma. O Cordeiro representa Cristo crucificado e ressuscitado.

O mesmo cuidado deve acompanhar a interpretação dos números. Apocalipse utiliza repetidamente o sete, o doze e seus múltiplos. Há sete igrejas, sete selos, sete trombetas, sete taças, doze

tribos, doze apóstolos e cento e quarenta e quatro mil selados. Em muitos desses casos, o significado teológico do número é mais importante do que uma contagem matemática.

Isso não significa que todo número encontrado em Apocalipse seja necessariamente simbólico. Significa apenas que **não podemos pressupor literalidade antes de interpretar o texto em seu gênero literário**. O número mil de Apocalipse 20 deve ser examinado exatamente dessa maneira.²

Essa questão pode parecer simples, mas já nos coloca diante de uma diferença metodológica importante entre as interpretações milenistas. Parte da força do pré-milenismo está justamente na leitura sequencial de Apocalipse 19 e 20: Cristo retorna no capítulo 19 e, em seguida, João descreve os mil anos no capítulo 20. Se a sequência das visões corresponde necessariamente à sequência cronológica dos acontecimentos, essa leitura possui considerável força.

O problema é que precisamos demonstrar primeiro que Apocalipse deve ser lido dessa maneira.

Apocalipse é uma cronologia contínua?

A estrutura do livro sugere que João nem sempre descreve os acontecimentos em uma única linha cronológica. Em diversas ocasiões, uma sequência parece alcançar a consumação da história e, posteriormente, uma nova

visão retorna para contemplar a mesma era sob outra perspectiva.

Esse fenômeno costuma ser chamado de **recapitulação**.

Um exemplo importante encontra-se entre Apocalipse 11 e 12. Ao final da sétima trombeta, João descreve a chegada

² A interpretação simbólica do número mil não significa negar a realidade descrita por João. Na literatura apocalíptica, símbolos comunicam realidades efetivas. A questão hermenêutica é determinar, a partir do gênero, do contexto e do

uso bíblico dos números, se João pretende estabelecer uma duração matematicamente exata ou representar a totalidade de um período determinado por Deus.

do Reino em linguagem claramente consumatória:

“O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre.” (Ap 11.15)

Poucos versículos depois, porém, Apocalipse 12 apresenta uma mulher prestes a dar à luz um filho que governará as nações, enquanto um dragão procura devorá-lo (Ap 12.1–6). A visão nos conduz novamente aos acontecimentos relacionados à primeira vinda de Cristo. O texto, portanto, não está simplesmente avançando cronologicamente para acontecimentos cada vez posteriores. João chega à consumação e depois retorna para observar a história da redenção sob outro ângulo.

Algo semelhante acontece em outras partes do livro. As séries dos selos, das trombetas e das taças apresentam paralelos significativos e repetidamente caminham em direção ao juízo final.³ Essa estrutura permite considerar seriamente a possibilidade de que Apocalipse 20 não esteja necessa-

riamente descrevendo um acontecimento cronologicamente posterior a tudo o que foi apresentado em Apocalipse 19.

Essa será uma questão decisiva quando examinarmos o amilenismo.

Se Apocalipse 20 for obrigatoriamente uma continuação cronológica de Apocalipse 19, o argumento pré-milenista se fortalece consideravelmente: Cristo retorna, derrota seus inimigos e, depois disso, estabelece o reino milenar.

Se, entretanto, Apocalipse utiliza recapitulação, outra possibilidade surge. Apocalipse 19 pode conduzir a narrativa até a segunda vinda e o juízo, enquanto Apocalipse 20 retorna ao período entre as duas vindas para descrevê-lo sob a perspectiva da restrição de Satanás e do reinado dos santos com Cristo.

A questão, portanto, não pode ser resolvida simplesmente dizendo: “o capítulo 20 vem depois do capítulo 19”. A ordem dos capítulos não estabelece, por si mesma, a cronologia dos acontecimentos narrados.

O milênio deve ser interpretado a partir de Apocalipse 20 somente?

Existe ainda outro princípio hermenêutico fundamental. Doutrinas bíblicas não devem ser construídas isolando um texto do restante da revelação.

Apocalipse 20 precisa ser interpretado em diálogo com aquilo que textos mais didáticos ensinam sobre a segunda vinda, a ressurreição e o

juízo. Esse princípio será particularmente importante porque, nas aulas anteriores, já observamos que Jesus associa a ressurreição dos justos e dos injustos a uma mesma “hora” (Jo 5.28–29) e que Paulo relaciona a manifestação de Cristo à ressurreição de seu povo (1Ts 4.13–18; 1Co 15.20–26).

³ A interpretação amilenista clássica frequentemente compreende Apocalipse por meio de ciclos ou seções recapitulativas que percorrem, sob diferentes perspectivas, o período entre a primeira e a segunda vinda de Cristo. Esse modelo foi

desenvolvido de maneiras diferentes dentro da tradição reformada e ocupa lugar importante nas exposições de William Hendriksen, Anthony Hoekema e G. K. Beale.

A questão que precisaremos enfrentar é bastante objetiva: **há espaço, dentro desse quadro mais amplo, para um reino terreno posterior à segunda vinda e anterior ao julgamento final?**

O pré-milenista responderá afirmativamente e apresentará textos para sustentar essa conclusão. O amilenista responderá negativamente e argumentará que a segunda vinda encerra a presente era, sendo seguida pela ressurreição geral, pelo julgamento e pela consumação.

Nossa tarefa não será permitir que um texto silencie os demais. Precisaremos construir uma interpretação capaz de harmonizar Apocalipse 20 com Mateus 24–25, João 5, 1 Coríntios 15, 1 Tessalonicenses 4, 2 Tessalonicenses 1–

2, 2 Pedro 3 e outras passagens relevantes.

É precisamente nesse ponto que o estudo das concepções milenistas se torna mais interessante. A diferença entre elas não consiste apenas no significado atribuído aos “mil anos”. Por trás de cada posição existe uma maneira de compreender a relação entre profecia, história da redenção, Reino de Deus, Israel, Igreja, segunda vinda e consumação.

Por isso, não começaremos perguntando qual sistema possui o gráfico escatológico mais convincente. Começaremos perguntando qual interpretação explica melhor **o conjunto da revelação bíblica**.

O centro da discussão não é o milênio

Há ainda uma última cautela necessária antes de examinarmos as três posições. É possível estudar Apocalipse 20 tão intensamente que o milênio acabe ocupando um lugar que o próprio Novo Testamento nunca lhe concedeu.

A esperança dos apóstolos não era simplesmente a chegada do milênio. Eles aguardavam **Jesus Cristo**.

Paulo esperava “a gloriosa manifestação de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo” (Tt 2.13). Pedro falava da revelação de Cristo e da chegada dos novos céus e da nova terra (1Pe 1.7,13; 2Pe 3.13). João encerra o Apocalipse não dizendo “venha o milênio”, mas respondendo à promessa

de Jesus: “Amém. Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22.20).

Essa perspectiva deverá governar toda a nossa investigação. Podemos discutir legitimamente quando e como ocorre o milênio, mas não devemos permitir que nossa posição milenista se torne mais importante do que a esperança que compartilhamos com todos os que pertencem a Cristo.

O objetivo da escatologia bíblica continua sendo aquele que temos perseguido desde o início desta série: compreender o futuro revelado por Deus de maneira que a igreja viva o presente em fidelidade, santidade e esperança.

O Pré-milenismo

O pré-milenismo recebe esse nome por sustentar que a segunda vinda de Cristo ocorrerá antes do período descrito em Apocalipse 20 como os “mil anos”. Em sua formulação básica, Cristo retornará corporal e gloriosamente, os santos participarão da ressurreição e, então, o Senhor estabelecerá seu reino milenar antes da consumação definitiva, do julgamento final e do estado eterno.

Essa compreensão encontra seu principal fundamento em uma leitura sequencial de Apocalipse 19 e 20. O capítulo 19 descreve Cristo vindo em glória como o cavaleiro montado no cavalo branco, derrotando a besta e o falso profeta (Ap 19.11–21). Imediatamente depois, João relata a visão de um anjo descendo do céu, prendendo Satanás e lançando-o no abismo por mil anos (Ap 20.1–3). Em seguida, vê tronos e aqueles que receberam autoridade para

julgar, afirmando que eles “voltaram à vida e reinaram com Cristo durante mil anos” (Ap 20.4).

Para o pré-milenista, a leitura mais natural dessa sequência é cronológica: Cristo retorna em Apocalipse 19 e o milênio acontece depois de sua volta em Apocalipse 20. Esse é provavelmente o argumento exegético mais importante da posição e deve ser levado a sério.⁴

Entretanto, falar simplesmente em pré-milenismo pode causar confusão, pois existem duas formas bastante distintas dessa interpretação: o pré-milenismo histórico e o pré-milenismo dispensacionalista. Ambos concordam que Cristo retornará antes do milênio, mas divergem consideravelmente quanto à relação entre Israel e a Igreja, ao arrebatamento, à tribulação e à maneira de interpretar determinadas profecias do Antigo Testamento.

O Pré-milenismo Histórico

O pré-milenismo histórico possui raízes antigas no cristianismo. Nos primeiros séculos, alguns importantes autores cristãos defenderam aquilo que posteriormente ficou conhecido como quiliasmo, palavra derivada do grego *chília*, “mil”. Justino Mártir, Irineu de

Lyon e outros esperavam um reino futuro de Cristo relacionado à ressurreição dos santos.⁵

É necessário, contudo, evitar um anacronismo. Esses cristãos antigos não eram “dispensacionalistas” no sentido moderno. Não possuíam o sistema

⁴ O pré-milenismo sustenta que a segunda vinda precede o reino milenar descrito em Apocalipse 20. Entre seus representantes modernos encontram-se autores de tradições distintas, razão pela qual não se deve identificá-lo automaticamente com o dispensacionalismo. Cf. LADD, George Eldon. *The Blessed Hope*; WALVOORD, John F. *The Millennial Kingdom*.

⁵ Justino Mártir, em seu *Diálogo com Trifão*, menciona cristãos que esperavam a ressurreição seguida de um período em Jerusalém, embora reconheça que nem todos os cristãos ortodoxos de seu tempo compartilhavam dessa compreensão. Irineu também desenvolveu uma expectativa milenar em *Contra as Heresias*. Esses testemunhos demonstram a antiguidade do quiliasmo, mas não devem ser confundidos com as formas modernas de pré-milenismo.

escatológico desenvolvido no século XIX, tampouco ensinavam necessariamente um arrebatamento secreto da Igreja antes da tribulação. Sua expectativa era, de modo geral, mais simples: Cristo retornaria, os mortos em Cristo ressuscitariam e o Senhor reinaria antes da consumação definitiva.

Por isso, o pré-milenismo histórico contemporâneo costuma apresentar uma estrutura relativamente simples. A presente era da Igreja continuará marcada simultaneamente pela expansão do Evangelho e pela oposição ao Reino de Deus. Próximo ao fim haverá uma intensificação da perseguição e da apostasia. Cristo retornará visivelmente, os santos serão reunidos a Ele e terá início o reino milenar. Depois desse período ocorrerão a rebelião final, o julgamento e o estado eterno.

George Eldon Ladd tornou-se um dos representantes mais importantes

dessa posição no evangelicalismo do século XX. Sua teologia do Reino enfatizou fortemente a tensão entre o “já” e o “ainda não”: o Reino de Deus já entrou na história por meio de Cristo, mas sua manifestação plena ainda aguarda a consumação. Nesse aspecto, existe uma proximidade considerável entre Ladd e muitos amilenistas. A divergência aparece especialmente na interpretação de Apocalipse 20 e na existência de um reino intermediário após a segunda vinda.⁶

Essa observação é importante porque impede uma caricatura comum. O pré-milenista histórico não precisa acreditar que Cristo somente começará a reinar no futuro. Ele pode afirmar vigorosamente o reinado presente de Cristo e, ao mesmo tempo, sustentar que haverá uma manifestação histórica particular desse Reino depois da segunda vinda.

O Pré-milenismo Dispensacionalista

O pré-milenismo dispensacionalista possui desenvolvimento histórico bem mais recente. Sua formulação sistemática está particularmente associada a John Nelson Darby, no século XIX, e sua popularização no mundo de língua inglesa foi fortemente impulsionada pelas notas da Scofield Reference Bible, publicada no início do século XX. Posteriormente, autores como

John Walvoord e Charles Ryrie contribuíram para sua sistematização.

Uma de suas características tradicionais é uma distinção mais acentuada entre Israel e Igreja dentro da história da redenção. Segundo suas formas clássicas, muitas promessas veterotestamentárias feitas a Israel devem encontrar cumprimento futuro e específico na nação de Israel, especialmente durante o reino milenar.⁷

⁶ George Eldon Ladd representa uma importante formulação do pré-milenismo histórico contemporâneo. Sua compreensão do Reino como realidade inaugurada na primeira vinda de Cristo, mas ainda aguardando consumação, aproxima sua teologia de aspectos importantes da

escatologia reformada, embora sua interpretação de Apocalipse 20 permaneça pré-milenista.

⁷ O dispensacionalismo passou por desenvolvimento considerável desde Darby e Scofield. Formulações contemporâneas, especialmente o chamado dispensacionalismo progressivo,

É nesse contexto que o milênio assume grande importância. O reino descrito em Apocalipse 20 seria o período no qual Cristo cumpriria de maneira histórica e terrena promessas feitas a Israel relativas à terra, ao reino e ao governo messiânico.

Em muitas formas do dispensacionalismo, esse esquema está associado ao arrebatamento pré-tribulacional. Cristo viria primeiro para retirar a Igreja antes da Grande Tribulação e, posteriormente, retornaria publicamente em glória para estabelecer o reino milenar. É por isso que, em determinados esquemas dispensacionalistas, encontramos uma distinção entre o arrebatamento e a manifestação gloriosa de Cristo.

Essa distinção não pertence necessariamente ao pré-milenismo. O pré-milenista histórico geralmente entende 1 Tessalonicenses 4.13–18 como parte da própria segunda vinda pública de Cristo. Portanto, alguém pode ser pré-milenista e, ao mesmo tempo, rejeitar completamente a ideia de um arrebatamento secreto sete anos antes da manifestação gloriosa do Senhor.

Essa diferença será particularmente importante para nossa série, pois impede que as concepções tribulacionistas e milenistas sejam confundidas. Pré-milenismo responde à relação entre a volta de Cristo e o milênio; pré-tribulacionismo responde à relação entre o arrebatamento e a tribulação. São questões relacionadas, mas não idênticas.

Os principais argumentos bíblicos do Pré-milenismo

Embora Apocalipse 20 seja o texto central, a defesa pré-milenista não depende exclusivamente dele. Seus defensores procuram relacioná-lo a diversas profecias veterotestamentárias que parecem descrever uma condição histórica difícil de identificar tanto com o mundo presente quanto com o estado eterno.

Isaías 65.17–25 é um exemplo importante. O profeta descreve novos céus e nova terra, mas também menciona longevidade extraordinária e a possibilidade da morte:

“Nunca mais haverá nela uma criança que viva poucos dias, e um idoso que não complete os seus anos de idade;

quem morrer aos cem anos ainda será jovem.” (Is 65.20)

O pré-milenista pergunta como essa descrição pode se referir ao estado eterno se ainda existe morte. Sua resposta é que Isaías estaria descrevendo condições próprias do reino messiânico futuro, anterior à consumação definitiva.

Também são utilizados textos como Isaías 11.1–10, que descreve o governo do descendente de Jessé e uma criação marcada por extraordinária paz, e Zacarias 14, que apresenta o Senhor reinando sobre toda a terra em um contexto que parece envolver acontecimentos históricos e geográficos.

modificaram algumas das distinções mais rígidas entre Israel e Igreja encontradas no dispensacionalismo clássico. Portanto, críticas ao

sistema devem especificar qual forma de dispensacionalismo está sendo considerada.

Essas passagens oferecem ao pré-milenismo um argumento que não deve ser ignorado: existem profecias do Antigo Testamento cuja linguagem parece descrever uma realidade intermediária entre nossa experiência presente e a perfeição absoluta do estado eterno.

Outro argumento encontra-se em 1 Coríntios 15.23–26. Paulo afirma:

“Cristo, as primícias; depois, quando ele vier, os que lhe pertencem. Então virá o fim, quando ele entregar o Reino a Deus, o Pai, depois de ter destruído todo domínio, autoridade e poder.”

O pré-milenista chama atenção para a sequência: Cristo ressuscitou; posteriormente, em sua vinda, ressuscitam os que lhe pertencem; “então” chega o fim. Argumenta-se que poderia existir um intervalo entre a ressurreição dos santos na vinda de Cristo e a consumação final, justamente o período correspondente ao milênio.

O argumento mais direto, entretanto, permanece Apocalipse 20. João afirma:

“Eles ressuscitaram e reinaram com Cristo durante mil anos. (O restante dos mortos não voltou a viver até se completarem os mil anos.) Esta é a primeira ressurreição.” (Ap 20.4–5)

O pré-milenista observa que o mesmo verbo relacionado à vida aparece para os santos e, posteriormente, para os demais mortos. Se a segunda referência diz respeito à ressurreição corporal, parece natural interpretar a primeira da mesma maneira. Assim, a “primeira ressurreição” seria a ressurreição corporal dos justos antes do milênio, enquanto os demais mortos

ressuscitariam posteriormente para o julgamento.

Esse talvez seja o argumento exegético mais difícil que o amilenista precisa enfrentar. Não devemos minimizá-lo.

A força do argumento pré-milenista

Uma apresentação justa precisa reconhecer que o pré-milenismo possui algumas vantagens interpretativas reais. Sua leitura de Apocalipse 19–20 é simples: os acontecimentos são entendidos na ordem em que aparecem. Sua interpretação da “primeira ressurreição” como ressurreição corporal também parece, inicialmente, bastante natural. Além disso, determinadas profecias veterotestamentárias encontram dentro do sistema um espaço histórico para seu cumprimento mais literal.

Por isso, rejeitar o pré-milenismo apenas afirmando que Apocalipse é simbólico seria insuficiente. O amilenismo precisa apresentar uma explicação melhor para a estrutura do livro, para a primeira ressurreição e para as profecias do Antigo Testamento.

Entretanto, quando ampliamos nosso campo de visão para além de Apocalipse 20, algumas dificuldades importantes começam a surgir.

As principais dificuldades do Pré-milenismo

A primeira delas diz respeito à relação entre a segunda vinda e a consumação. Em várias passagens do Novo Testamento, a volta de Cristo parece conduzir diretamente à ressurreição, ao julgamento e ao estado

definitivo, sem apresentar claramente um período intermediário de mil anos.

Jesus afirma:

“Está chegando a hora em que todos os que estiverem nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão; os que fizeram o bem ressuscitarão para a vida, e os que fizeram o mal ressuscitarão para serem condenados.” (Jo 5.28–29)

A expressão “está chegando a hora” reúne a ressurreição dos justos e dos injustos de maneira muito próxima. O texto não demonstra, por si mesmo, que ambas ocorram no mesmo instante, mas também não sugere explicitamente um intervalo de mil anos entre elas.

Mateus 25 apresenta dificuldade semelhante. Quando o Filho do Homem vier em sua glória, as nações são reunidas diante dele e ocorre a separação entre justos e injustos (Mt 25.31–46). A segunda vinda e o julgamento aparecem intimamente relacionados.

Em 2 Tessalonicenses 1.6–10, Paulo descreve o mesmo aparecimento de Cristo como momento de alívio para a Igreja perseguida e de juízo sobre aqueles que rejeitam o Evangelho. Novamente, salvação e julgamento convergem na manifestação do Senhor.

Talvez 2 Pedro 3 apresente uma dificuldade ainda maior. Pedro associa o “Dia do Senhor” à dissolução da presente ordem e à expectativa dos novos céus e da nova terra (2Pe 3.10–13). A leitura mais imediata parece conduzir da volta do Senhor à consumação cósmica, sem mencionar um reino terreno intermediário.

O problema cumulativo torna-se então significativo. Se João 5 associa a ressurreição de justos e injustos, Mateus 25 relaciona a volta de Cristo ao julgamento das nações, 2

Tessalonicenses 1 relaciona a mesma manifestação à salvação e condenação, e 2 Pedro 3 conduz o Dia do Senhor à renovação cósmica, onde devemos inserir o milênio futuro depois da segunda vinda?

Essa pergunta não refuta automaticamente o pré-milenismo, mas coloca sobre ele um importante ônus interpretativo.

Há ainda uma dificuldade relacionada à própria natureza do reino futuro. Algumas formas de pré-milenismo pressupõem que, depois da volta gloriosa de Cristo e da ressurreição dos santos, ainda existirão na terra seres humanos não glorificados, pecado e morte. Teríamos, portanto, Cristo presente corporalmente em glória, santos ressuscitados vivendo juntamente com seres humanos mortais e, ao final desse período, uma nova rebelião contra o próprio Senhor (Ap 20.7–10).

O sistema consegue oferecer respostas para essa questão, mas a configuração é incomum quando comparada às passagens do Novo Testamento que descrevem a volta de Cristo como o momento decisivo da vitória final.

Essa tensão nos leva ao ponto central da avaliação. O pré-milenismo possui uma leitura bastante direta de Apocalipse 20 quando esse capítulo é considerado isoladamente e sequencialmente. Sua maior dificuldade surge quando essa interpretação precisa ser harmonizada com o conjunto dos textos neotestamentários que parecem associar a segunda vinda à ressurreição geral, ao julgamento e à consumação.

Isso explica por que a discussão milenista não pode ser resolvida apenas perguntando se “mil anos” são literais ou

simbólicos. A questão mais profunda é como Apocalipse 20 deve ser situado dentro da escatologia do Novo Testamento como um todo.

É precisamente essa pergunta que voltará a ocupar nossa atenção quando chegarmos ao amilenismo.

O Pós-milenismo

O pós-milenismo compartilha com o amilenismo uma convicção importante: a segunda vinda de Cristo ocorrerá depois do período representado pelos mil anos de Apocalipse 20. A principal diferença entre as duas posições não está, portanto, na relação cronológica entre o milênio e a volta de Cristo, mas na maneira como compreendem o desenvolvimento histórico do Reino de Deus antes da consumação.

Em linhas gerais, o pós-milenismo sustenta que o Reino inaugurado por Cristo continuará avançando na história por meio da proclamação do Evangelho e da atuação do Espírito Santo, produzindo uma expansão extraordinária da fé cristã entre as nações. Esse avanço conduzirá a um período prolongado de prosperidade espiritual e ampla influência do Evangelho no mundo, após o qual Cristo retornará para ressuscitar os mortos, realizar o julgamento final e introduzir o estado eterno.⁸

É importante esclarecer desde o início que essa posição não ensina necessariamente que o mundo melhorará de maneira contínua, sem guerras, perseguições, crises ou períodos de apostasia. Também não afirma que todos os seres humanos serão convertidos ou

que o pecado desaparecerá antes da segunda vinda. Sua expectativa é que, antes da consumação, o Evangelho alcançará um êxito histórico muito mais amplo do que aquele que observamos atualmente, de modo que povos e culturas serão profundamente afetados pelo governo de Cristo.

O pós-milenismo é, nesse sentido, marcado por um forte otimismo escatológico quanto ao progresso histórico do Evangelho. Essa expressão precisa ser entendida corretamente. Seu otimismo não repousa em uma confiança na bondade natural da humanidade, no desenvolvimento tecnológico ou no progresso político das sociedades. Pelo contrário, seus melhores representantes fundamentam essa expectativa na soberania de Cristo, no poder do Espírito Santo e na eficácia da Grande Comissão.

O Reino já começou

O ponto de partida do pós-milenismo encontra-se na convicção de que o Reino de Deus foi inaugurado na primeira vinda de Cristo. Nesse aspecto, há considerável proximidade com o amilenismo.

Jesus iniciou seu ministério proclamando:

⁸ O pós-milenismo possui diferentes formulações dentro da tradição reformada. Seu elemento distintivo é a expectativa de uma ampla prosperidade histórica do Evangelho antes da segunda vinda de Cristo. O retorno do Senhor

ocorre, portanto, depois do período denominado milênio. Cf. GENTRY JR., Kenneth L. *He Shall Have Dominion*; MATHISON, Keith A. *Postmillennialism: An Eschatology of Hope*.

“O tempo é chegado. O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas-novas!” (Mc 1.15)

Posteriormente, ao responder à acusação de que expulsava demônios pelo poder de Belzebu, declarou:

“Mas se é pelo Espírito de Deus que eu expulso demônios, então chegou a vocês o Reino de Deus.” (Mt 12.28)

O Reino, portanto, não pertence exclusivamente ao futuro. Ele entrou na história por meio da pessoa e da obra de Cristo. Sua morte, ressurreição e ascensão estabeleceram uma nova etapa na história da redenção, e o Senhor ressuscitado já exerce autoridade sobre todas as coisas.

Essa convicção encontra uma de suas expressões mais importantes na Grande Comissão. Antes de ordenar que os discípulos fossem às nações, Jesus declarou:

“Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra.” (Mt 28.18)

Somente depois dessa afirmação vem a ordem:

“Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações...” (Mt 28.19)

Para o pós-milenista, essa relação é fundamental. A missão da Igreja não é realizada na esperança de que Cristo receba autoridade no futuro, mas porque Ele já possui toda autoridade. A Grande Comissão é, portanto, uma missão do Rei entronizado, realizada sob seu governo soberano.

É justamente aqui que surge uma das perguntas mais características do pós-milenismo: se Cristo possui toda autoridade e ordenou à Igreja que discipulasse as nações, deveríamos esperar que essa missão produza apenas uma presença minoritária do cristianismo até sua volta ou existe fundamento

bíblico para esperar um triunfo histórico muito mais amplo do Evangelho?

O pós-milenista responde que as próprias Escrituras nos autorizam a esperar a expansão progressiva do Reino.

O grão de mostarda e o fermento

As parábolas do Reino possuem grande importância para essa interpretação. Em Mateus 13, Jesus compara o Reino dos céus a um pequeno grão de mostarda que cresce até tornar-se uma planta suficientemente grande para que as aves se abriguem em seus ramos (Mt 13.31–32). Em seguida, compara-o ao fermento que uma mulher mistura em grande quantidade de farinha “até que toda ela fique fermentada” (Mt 13.33).

O pós-milenismo encontra nessas imagens um padrão de crescimento. O Reino começa de maneira aparentemente insignificante, mas não permanece assim. A pequena semente cresce; o fermento penetra a massa.

Essa interpretação recebe força adicional quando consideramos o início histórico da Igreja. O movimento que começou com um pequeno grupo de discípulos na Palestina atravessou fronteiras culturais, linguísticas e políticas e alcançou progressivamente as nações. Para o pós-milenista, esse processo não deve ser interpretado apenas como expansão inicial do cristianismo, mas como expressão de um princípio que continuará operando na história.

O Reino inaugurado por Cristo possui, segundo essa leitura, uma dinâmica expansiva que somente alcançará sua manifestação histórica mais ampla antes da volta do Senhor.

As nações e a promessa do Reino

O pós-milenismo também encontra importante apoio no Antigo Testamento, particularmente nos salmos messiânicos e nas profecias relacionadas ao alcance universal do Reino.

O Salmo 22 declara:

“Todos os confins da terra se lembrarão e se voltarão para o Senhor, e todas as famílias das nações se prostrarão diante dele, pois do Senhor é o reino; ele governa as nações.” (Sl 22.27–28)

O Salmo 72 apresenta uma expectativa semelhante acerca do reinado messiânico:

“Todos os reis se prostrarão perante ele; todas as nações o servirão.” (Sl 72.11)

Isaías também contempla as nações dirigindo-se ao monte do Senhor para aprender seus caminhos (Is 2.2–4), enquanto Habacuque anuncia que: *“a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas enchem o mar.”* (Hc 2.14)

O pós-milenista interpreta essas passagens como promessas de uma extraordinária expansão histórica do conhecimento de Deus. A missão da Igreja seria o instrumento por meio do qual essas promessas alcançariam progressivamente seu cumprimento entre as nações.

É importante reconhecer a força dessa argumentação. A Bíblia realmente apresenta uma expectativa universal relacionada ao Reino messiânico. A promessa feita a Abraão já apontava para a bênção de todas as famílias da terra (Gn 12.3), e o Novo Testamento interpreta a expansão do Evangelho entre os gentios como parte do cumprimento dessa promessa (Gl 3.8). A questão não é se o

Reino alcançará as nações, mas até que ponto as Escrituras prometem que esse avanço transformará a história antes da segunda vinda.

É precisamente nesse ponto que pós-milenistas e amilenistas começam a divergir.

“É necessário que ele reine”

Outro texto importante encontra-se em 1 Coríntios 15.25:

“Pois é necessário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés.”

O texto é particularmente significativo porque Paulo fala do reinado de Cristo como uma realidade presente. O Filho ressuscitado já reina e continuará reinando até que seus inimigos sejam completamente submetidos.

O pós-milenismo entende que essa submissão não deve ser limitada exclusivamente ao juízo realizado na segunda vinda. O reinado presente de Cristo manifesta-se também por meio do avanço de seu Evangelho na história. Cada conversão, cada povo alcançado e cada esfera da vida submetida à autoridade do Senhor constitui uma manifestação histórica dessa vitória.

Nesse sentido, o pós-milenista lê a história da Igreja com expectativa. O Reino não caminha para a derrota antes de Cristo retornar para resgatá-lo de um mundo irremediavelmente perdido. O Senhor ressuscitado está conduzindo sua Igreja em missão e fazendo avançar seu Reino entre as nações.

Essa confiança explica por que o pós-milenismo exerceu influência significativa em determinados períodos da tradição reformada. Autores puritanos e reformados desenvolveram expectativas otimistas acerca da futura

expansão do Evangelho, embora nem todos possam ser classificados com precisão segundo as categorias milenistas atuais. Jonathan Edwards, por exemplo,

esperava um período extraordinário de florescimento do Reino de Cristo na história antes da consumação.⁹

O que significa “milênio” para o Pós-milenismo?

Assim como ocorre no amilenismo, muitos pós-milenistas não entendem os “mil anos” de Apocalipse 20 como exatamente mil anos cronológicos. O número é interpretado simbolicamente como um período extenso e determinado por Deus.

Entretanto, há uma diferença importante. Para muitos amilenistas, o milênio corresponde essencialmente a toda a era entre a primeira e a segunda vinda de Cristo. No pós-milenismo, costuma haver maior ênfase em uma fase histórica de extraordinária prosperidade do Evangelho dentro dessa era.

Não existe unanimidade absoluta entre os pós-milenistas sobre como definir o início desse período. Alguns identificam o milênio mais amplamente com a era cristã, entendendo que sua manifestação se intensificará progressivamente; outros enfatizam uma futura fase de maior triunfo do Evangelho. O elemento comum é a expectativa de que a história anterior à segunda vinda testemunhará uma expansão extraordinária do Reino de Deus.¹⁰

Depois desse período, muitas formulações pós-milenistas admitem uma apostasia ou rebelião final associada à libertação de Satanás descrita em Apocalipse 20.7–10. Cristo então retornará, haverá a ressurreição geral, o julgamento final e a entrada no estado eterno.

Essa estrutura aproxima consideravelmente pós-milenismo e amilenismo. Ambos podem interpretar os mil anos simbolicamente, ambos afirmam o reinado presente de Cristo e ambos normalmente situam uma única segunda vinda no encerramento da presente era. A principal divergência está na expectativa sobre o desenvolvimento histórico do Reino antes desse acontecimento.

A força do argumento pós-milenista

Talvez a maior virtude do pós-milenismo seja sua insistência em levar seriamente as promessas bíblicas acerca do alcance universal do Reino de Cristo.

Ele nos lembra corretamente que Jesus não é um Rei aguardando passivamente sua coroação futura. Cristo

⁹ Jonathan Edwards desenvolveu uma forte expectativa acerca do avanço futuro do Reino e de um período extraordinário de prosperidade da Igreja. Deve-se, contudo, evitar projetar sobre todos os puritanos e reformados dos séculos XVII e XVIII as categorias escatológicas contemporâneas sem considerar as particularidades de cada autor. Cf. EDWARDS, Jonathan. *A History of the Work of Redemption*.

¹⁰ As formulações pós-milenistas divergem quanto à identificação precisa do milênio e à maneira como sua prosperidade histórica se desenvolverá. O ponto comum não é uma cronologia absolutamente uniforme, mas a expectativa de amplo êxito histórico da Grande Comissão antes do retorno de Cristo.

já foi exaltado à direita do Pai e recebeu autoridade sobre as nações. A missão da Igreja acontece sob o governo daquele que venceu a morte e foi constituído Senhor e Cristo (At 2.32–36).

Também merece atenção sua leitura missionária da história. O cristianismo começou com um pequeno grupo de discípulos e alcançou povos que aqueles primeiros cristãos provavelmente sequer sabiam que existiam. A expansão histórica do Evangelho constitui um fato impressionante e deve impedir uma visão excessivamente pessimista acerca da eficácia da missão cristã.

Além disso, o pós-milenismo faz uma pergunta incômoda, mas legítima, às demais posições: será que algumas leituras escatológicas não desenvolveram uma expectativa de derrota histórica da Igreja maior do que aquela que as próprias Escrituras exigem?

Essa pergunta merece ser ouvida.

O cristão não possui qualquer autorização bíblica para imaginar Satanás como adversário equivalente a Deus ou para considerar o Evangelho incapaz de transformar povos e culturas. Cristo reina, o Espírito continua agindo e a Palavra de Deus permanece poderosa para salvar.

Reconhecer essas verdades, entretanto, não exige necessariamente a conclusão pós-milenista.

As principais dificuldades do Pós-milenismo

A primeira dificuldade surge quando consideramos as descrições neotestamentárias da condição do mundo e da Igreja imediatamente antes da volta de Cristo. Diversos textos parecem indicar que o avanço do Reino continuará

acompanhado de oposição, apostasia e perseguição até a consumação.

Na parábola do trigo e do joio, Jesus descreve ambos crescendo juntos:

“Deixem que cresçam juntos até a colheita.” (Mt 13.30)

Quando posteriormente explica a parábola, identifica a colheita com “o fim desta era” (Mt 13.39). A imagem sugere que o desenvolvimento do Reino não elimina progressivamente a presença do mal antes da consumação. Justos e ímpios permanecem juntos até o fim.

A parábola da rede apresenta estrutura semelhante. Peixes bons e ruins permanecem juntos até a separação final (Mt 13.47–50). Novamente, o Reino avança na história sem que a presente era se transforme gradualmente no estado de justiça característico da consumação.

Paulo também adverte Timóteo:

“Saiba disto: nos últimos dias sobrevirão tempos terríveis.” (2Tm 3.1)

Em 2 Tessalonicenses 2, o apóstolo relaciona os acontecimentos que precedem a manifestação de Cristo a uma rebelião e à revelação do “homem do pecado” ou “homem da iniquidade” (2Ts 2.1–8). Independentemente das dificuldades interpretativas dessa passagem, sua linguagem não parece descrever simplesmente uma sociedade progressivamente cristianizada caminhando tranquilamente para a volta do Senhor.

Apocalipse também apresenta a Igreja entre a primeira e a segunda vinda como uma comunidade simultaneamente vitoriosa e perseguida. O Evangelho alcança todas as nações, mas os santos enfrentam a oposição do dragão, da besta e dos poderes deste mundo. A vitória da Igreja frequentemente se manifesta

precisamente em sua fidelidade até a morte (Ap 12.11).

Esses textos não anulam as grandes promessas acerca da expansão do Reino. Entretanto, sugerem que crescimento do Reino e crescimento da oposição podem ocorrer simultaneamente.

Aqui encontramos uma das características mais importantes da interpretação amilenista: a história entre as duas vindas não precisa ser descrita simplesmente como progressiva derrota ou progressivo triunfo visível da Igreja. O Novo Testamento parece apresentar uma realidade mais complexa, na qual o Reino avança poderosamente enquanto a oposição ao Reino permanece e pode, em determinados momentos, intensificar-se.

Essa tensão corresponde à própria natureza do “já e ainda não”. Cristo já reina, mas ainda aguardamos que todos os seus inimigos sejam definitivamente colocados debaixo de seus pés. Satanás já foi derrotado decisivamente, mas continua atuando. A Igreja já participa da vitória de Cristo, mas continua carregando sua cruz.

Outra dificuldade está na interpretação das profecias de alcance universal. Quando o Salmo 22 afirma que todas as famílias das nações se prostrarão diante do Senhor, isso exige necessariamente que a maioria das sociedades humanas seja cristianizada antes da segunda vinda? Ou essas

promessas encontram seu cumprimento na formação de um povo redimido proveniente de todas as tribos, línguas, povos e nações (Ap 5.9; 7.9)?

Essa é uma questão hermenêutica decisiva.

O amilenista não precisa reduzir o alcance dessas promessas. Pode esperar uma extraordinária expansão missionária, grandes avivamentos e a conversão de multidões, enquanto permanece cauteloso em afirmar que as Escrituras prometem uma era histórica de predominância mundial da fé cristã antes da volta do Senhor.

Por isso, talvez a diferença entre pós-milenismo e amilenismo possa ser formulada com precisão desta maneira: ambos creem na vitória histórica do Evangelho; divergem sobre a forma e a extensão dessa vitória antes da segunda vinda.

O pós-milenista espera que o triunfo do Evangelho alcance uma manifestação histórica ampla e predominante. O amilenista entende que a vitória de Cristo já acontece no avanço mundial do Evangelho e na preservação de sua Igreja, mas que essa expansão continuará coexistindo com incredulidade, perseguição e oposição até o retorno do Senhor.

Essa diferença será fundamental quando examinarmos a terceira posição.

O Amilenismo

Depois de examinarmos o pré-milenismo e o pós-milenismo, chegamos à terceira grande interpretação de Apocalipse 20: o amilenismo. O nome,

embora tradicional, não é particularmente feliz, pois pode transmitir a impressão de que essa posição nega a existência do milênio.

Isso não corresponde ao que os amilenistas afirmam. O amilenismo reconhece plenamente os “mil anos” de Apocalipse 20, mas entende que João não está descrevendo um reino terreno futuro que começará depois da segunda vinda de Cristo. O milênio representa o período presente da história da redenção, inaugurado pela primeira vinda de Cristo e encerrado por sua segunda vinda.¹¹

Assim, para o amilenismo, estamos vivendo no período representado pelos mil anos.

Essa afirmação precisa ser compreendida cuidadosamente. Não significa que o mundo presente já esteja plenamente submetido ao Reino de Deus, nem que Satanás tenha deixado de agir. Também não significa que todas as promessas escatológicas já tenham se cumprido. O amilenismo procura preservar uma das tensões fundamentais do Novo Testamento: o Reino de Deus já chegou, mas ainda não foi consumado.

Jesus já reina, mas ainda aguardamos sua manifestação gloriosa. Satanás já foi derrotado, mas ainda não recebeu sua condenação final. Os crentes já possuem a vida eterna, mas ainda aguardam a ressurreição do corpo. A nova criação já começou em Cristo, mas ainda esperamos os novos céus e a nova terra.

É dentro dessa tensão entre o “já” e o “ainda não” que o amilenismo interpreta Apocalipse 20.

O Reino de Deus já foi inaugurado

O primeiro fundamento do amilenismo não se encontra própria-

mente em Apocalipse 20, mas no ensino mais amplo do Novo Testamento acerca do Reino de Deus.

Jesus anunciou:

“O tempo é chegado. O Reino de Deus está próximo. Arrependam-se e creiam nas boas-novas!” (Mc 1.15)

Em outros momentos, sua linguagem é ainda mais explícita. Ao expulsar demônios, declarou:

“Mas se é pelo Espírito de Deus que eu expulso demônios, então chegou a vocês o Reino de Deus.” (Mt 12.28)

O Reino esperado pelos profetas entrou na história na pessoa do Rei. A encarnação, o ministério, a morte, a ressurreição e a ascensão de Cristo inauguraram a era messiânica.

Depois da ressurreição, Pedro interpreta a ascensão de Jesus à luz do Salmo 110:

“O Senhor disse ao meu Senhor: Senta-te à minha direita até que eu ponha os teus inimigos como estrado para os teus pés.” (At 2.34–35)

Sua conclusão é inequívoca:

“Portanto, que todo o Israel fique certo disto: Este Jesus, a quem vocês crucificaram, Deus o fez Senhor e Cristo.” (At 2.36)

Cristo não está esperando o milênio para começar a reinar. Ele reina agora.

Paulo desenvolve a mesma verdade em 1 Coríntios 15:

“Pois é necessário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés.” (1Co 15.25)

O verbo está no presente. O reinado messiânico já está em curso. Seu último

¹¹ O termo *amilenismo* tornou-se convencional, embora autores dessa tradição tenham observado que expressões como “milenismo realizado” ou “milenismo inaugurado” poderiam comunicar melhor a posição. O amilenismo não nega

Apocalipse 20, mas interpreta os mil anos simbolicamente como o período entre as duas vindas de Cristo. Cf. HOEKEMA, Anthony A. *A Bíblia e o Futuro*; BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*.

inimigo será a morte, destruída na consumação (1Co 15.26).

Esse ponto é fundamental para a compreensão amilenista. O período entre a ascensão e a segunda vinda não é simplesmente uma sala de espera escatológica. É a era do governo messiânico de Cristo, durante a qual Ele reúne sua Igreja entre as nações e progressivamente submete seus inimigos, até que sua vitória seja plenamente manifestada em sua volta.

O que significa Satanás estar preso?

Aqui surge imediatamente uma das objeções mais comuns ao amilenismo. Apocalipse 20 afirma:

“Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo, Satanás, e o acorrentou por mil anos.” (Ap 20.2)

Se estamos vivendo durante o milênio, alguém inevitavelmente perguntará: como podemos dizer que Satanás está preso diante de tanto pecado, perseguição, idolatria e incredulidade no mundo?

A pergunta é legítima, mas o próprio texto explica em que sentido Satanás foi preso:

“Lançou-o no abismo, fechou-o e pôs um selo sobre ele, para assim impedi-lo de enganar as nações até que terminassem os mil anos.” (Ap 20.3)

João não afirma que Satanás perdeu toda capacidade de agir. A prisão possui uma finalidade específica: impedir que ele continue enganando as nações da maneira como fazia anteriormente.

Essa linguagem encontra um paralelo muito importante no ministério de Jesus. Quando acusado de expulsar demônios pelo poder de Satanás, Cristo respondeu:

“Ou, como alguém pode entrar na casa do homem forte e levar dali seus bens, sem antes amarrá-lo? Só então poderá roubar a casa dele.” (Mt 12.29)

A palavra utilizada por Jesus para “amarrar” o homem forte pertence ao mesmo campo conceitual da prisão de Satanás. Cristo apresenta seu próprio ministério como uma invasão do domínio do inimigo. O homem forte está sendo amarrado porque alguém mais forte chegou.

A missão dos discípulos oferece outro indício. Quando os setenta e dois retornaram celebrando o fato de que até os demônios se submetiam ao nome de Jesus, o Senhor declarou:

“Eu vi Satanás caindo do céu como relâmpago.” (Lc 10.18)

Na proximidade de sua morte, Jesus afirmou novamente:

“Chegou a hora de ser julgado este mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo. Mas eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim.” (Jo 12.31–32)

Há uma relação significativa entre a derrota de Satanás e a expansão do Evangelho às nações.

Antes de Cristo, a revelação especial de Deus estava concentrada principalmente em Israel. As nações permaneciam, em grande medida, mergulhadas na idolatria. Depois da morte, ressurreição e ascensão do Senhor, porém, os discípulos recebem a ordem:

“Vão e façam discípulos de todas as nações.” (Mt 28.19)

É nesse sentido que o amilenismo entende a prisão de Satanás. Ele continua sendo um adversário perigoso, razão pela

qual Pedro pode advertir que “o Diabo, o inimigo de vocês, anda ao redor como leão, rugindo e procurando a quem possa devorar” (1Pe 5.8). Mas já não possui liberdade para impedir que o Evangelho avance entre as nações.

Não existe contradição entre Satanás estar preso em determinado sentido e continuar ativo em outro. Apocalipse 20 define a natureza de sua restrição: ele está impedido de enganar as nações de modo a frustrar a missão mundial do Evangelho.¹²

Por que “mil anos” não precisam significar exatamente mil anos?

O amilenismo entende os mil anos simbolicamente. Essa interpretação não nasce simplesmente da necessidade de adequar Apocalipse 20 a um sistema teológico, mas do próprio modo como a literatura apocalíptica utiliza números.

Apocalipse está repleto deles. Sete igrejas, sete selos, sete trombetas, sete taças, doze tribos, doze apóstolos, cento e quarenta e quatro mil selados. Os números frequentemente carregam significado teológico.

O próprio Antigo Testamento utiliza “mil” dessa maneira. Deus afirma:

“Pois todos os animais da floresta são meus, como são as cabeças de gado aos milhares nas colinas.” (Sl 50.10)

Naturalmente, isso não significa que apenas o gado localizado nas primeiras mil colinas pertença ao Senhor. A expressão comunica amplitude e totalidade.

Deuteronômio 7.9 também declara que Deus mantém sua aliança “por mil gerações” daqueles que o amam. A intenção não é sugerir que sua fidelidade terminará na geração seguinte.

Assim, o amilenista entende os mil anos de Apocalipse 20 como o período

completo determinado soberanamente por Deus para o reinado presente de Cristo e para a missão de sua Igreja entre as nações.

A pergunta decisiva deixa de ser “quando completaremos exatamente mil anos?” e passa a ser “que realidade João pretende comunicar por meio dessa imagem?”.

Onde estão os santos que reinam com Cristo?

Essa questão é particularmente importante porque frequentemente se imagina que o amilenismo ensina apenas que Cristo reina no céu enquanto a Igreja reina espiritualmente na terra. Apocalipse 20 apresenta algo mais específico.

João escreve:

“Vi tronos em que se assentaram aqueles a quem havia sido dada autoridade para julgar. Vi as almas dos que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus e da palavra de Deus.” (Ap 20.4)

A expressão merece atenção:

João vê almas.

¹² A interpretação da prisão de Satanás deve levar em consideração a finalidade explicitamente indicada em Apocalipse 20.3: “para que não mais enganasse as nações”. O amilenismo relaciona

essa restrição à vitória de Cristo em sua primeira vinda e à abertura da missão mundial do Evangelho. Cf. Mt 12.28–29; Lc 10.17–18; Jo 12.31–32.

Isso nos conecta diretamente ao que estudamos anteriormente acerca do estado intermediário.

Os cristãos que morreram não deixaram de existir nem permanecem inconscientes aguardando a ressurreição. Eles estão com Cristo. Apocalipse 6 já havia apresentado “debaixo do altar as almas daqueles que haviam sido mortos por causa da palavra de Deus” (Ap 6.9). Agora, em Apocalipse 20, João novamente contempla almas, mas desta vez elas aparecem reinando com Cristo.

Assim, muitos amilenistas entendem que Apocalipse 20.4–6 descreve especialmente a condição celestial dos santos que morreram durante a presente era. Enquanto a Igreja militante continua sua missão na terra, a Igreja triunfante está na presença do Senhor.

Essa interpretação oferece uma conexão extraordinariamente bela com nossa aula anterior sobre a morte e o estado intermediário. Os crentes falecidos não estão simplesmente esperando passivamente. João os contempla participando do reinado de Cristo.

O que é a primeira ressurreição?

Chegamos então a uma das questões mais difíceis para a interpretação amilenista.

João declara:

“Eles ressuscitaram e reinaram com Cristo durante mil anos. [...] Esta é a primeira ressurreição.” (Ap 20.4–5)

Se existe uma “primeira ressurreição”, não seria natural concluir que ela é corporal e que outra ressurreição corporal ocorrerá depois do milênio?

Esse é um dos melhores argumentos do pré-milenismo e não devemos enfraquecê-lo artificialmente.

Entre os próprios amilenistas existem duas interpretações principais.

Alguns entendem a primeira ressurreição como regeneração, isto é, a passagem espiritual da morte para a vida que ocorre na conversão. Essa interpretação encontra apoio em textos como Efésios 2.5–6, onde Paulo afirma que Deus nos deu vida juntamente com Cristo e nos ressuscitou com Ele.

Outros entendem a primeira ressurreição como a passagem do crente, por meio da morte física, para a vida celestial na presença de Cristo. Essa interpretação presta especial atenção ao fato de João contemplar “as almas” dos mártires reinando no céu.

Considero essa segunda leitura particularmente consistente com o contexto de Apocalipse 20.¹³

Nesse caso, a “primeira ressurreição” não seria a ressurreição corporal que acontecerá na segunda vinda, mas a entrada do crente falecido na condição gloriosa do estado intermediário. A ressurreição corporal universal permanece futura e ocorrerá na consumação.

Devemos reconhecer, entretanto, que esse é um dos pontos em que a

¹³ Existem diferenças internas importantes entre intérpretes amilenistas acerca da “primeira ressurreição”. Alguns a identificam principalmente com a regeneração; outros, especialmente considerando Apocalipse 20.4 e sua referência às “almas”, entendem-na como a

passagem dos santos mortos para a vida celestial e seu reinado com Cristo no estado intermediário. A existência dessa divergência deve ser reconhecida em vez de apresentada como se houvesse unanimidade dentro da posição.

interpretação amilenista precisa argumentar com maior cuidado. O texto não é simples, e justamente por isso cristãos comprometidos com a autoridade das Escrituras chegaram a conclusões diferentes.

Apocalipse 20 vem depois de Apocalipse 19?

Aqui chegamos provavelmente ao ponto estrutural mais importante de toda a discussão.

Apocalipse 19 descreve a manifestação gloriosa de Cristo e a derrota de seus inimigos. Depois disso, Apocalipse 20 começa:

“Vi descer dos céus um anjo...”
(Ap 20.1)

O pré-milenista entende naturalmente essa sequência como cronológica: Cristo volta no capítulo 19 e depois começa o milênio do capítulo 20.

O amilenismo responde que a expressão “vi” não significa necessariamente “depois disso aconteceu”. Ela introduz uma nova visão.

Como já observamos, Apocalipse frequentemente conduz uma sequência até a consumação e depois retorna para contemplar a era da Igreja sob outra perspectiva.

Essa recapitulação aparece de maneira particularmente clara quando comparamos o final de Apocalipse 11 com o início do capítulo 12. O capítulo 11 chega ao julgamento e ao Reino definitivo; o capítulo 12 retorna ao

nascimento do Messias e ao conflito entre Cristo e o dragão.

O amilenista propõe que algo semelhante acontece entre Apocalipse 19 e 20.

Apocalipse 19 conduz a narrativa à segunda vinda e à derrota dos inimigos de Cristo.

Apocalipse 20.1–6 retorna à primeira vinda e contempla o período da Igreja sob a perspectiva da restrição de Satanás e do reinado dos santos.

Apocalipse 20.7–10 avança novamente para a crise final.

Apocalipse 20.11–15 descreve o julgamento final.

Dessa maneira, o capítulo 20 não precisa introduzir um reino histórico posterior à segunda vinda. Ele oferece outra perspectiva sobre o período entre as duas vindas.¹⁴

A pequena temporada de Satanás

Apocalipse 20 afirma que, depois dos mil anos, Satanás será solto por pouco tempo:

“Quando terminarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão e sairá para enganar as nações...” (Ap 20.7–8)

O amilenismo geralmente entende essa “pequena temporada” como uma intensificação final da oposição ao Reino imediatamente antes da volta de Cristo.

Isso harmoniza-se com outras passagens que falam de apostasia, perseguição e rebelião próximas à consumação. Paulo fala da rebelião e do homem da iniquidade antes da manifestação do Senhor (2Ts 2.3–8). Jesus alerta sobre intensa oposição e

¹⁴ A leitura recapitulacionista de Apocalipse possui longa história e foi desenvolvida de modo particularmente influente na tradição reformada moderna. William Hendriksen interpreta o livro como séries paralelas que percorrem

repetidamente a era entre a primeira e a segunda vinda, enquanto Anthony Hoekema e G. K. Beale apresentam, com diferenças próprias, argumentos semelhantes para compreender Apocalipse 20 como recapitulação da presente era.

falsos cristos (Mt 24.21–25). Apocalipse apresenta repetidamente uma concentração final das forças hostis contra o povo de Deus.

A história da Igreja, portanto, não caminha necessariamente para uma cristianização progressiva e universal do mundo. O Evangelho continuará alcançando as nações, mas a oposição continuará presente. Próximo ao fim, poderá haver inclusive uma intensificação dessa hostilidade.

Então Cristo retornará.

E aqui aparece uma das características que considero mais fortes do amilenismo: não é necessário inserir outro período histórico depois da segunda vinda.

Cristo volta, os mortos ressuscitam, os vivos são transformados, ocorre o julgamento e começa o estado eterno.

Essa estrutura parece harmonizar-se naturalmente com o restante do Novo Testamento.

Jesus fala de uma “hora” em que os que estão nos túmulos sairão, uns para a vida e outros para a condenação (Jo 5.28–29). Em Mateus 25.31–46, sua vinda em glória conduz diretamente ao julgamento. Paulo associa a manifestação de Cristo tanto ao alívio dos santos quanto à condenação dos ímpios (2Ts 1.6–10). Pedro relaciona o Dia do Senhor à transformação cósmica e à expectativa dos novos céus e nova terra (2Pe 3.10–13).

O amilenismo entende esses textos como partes de uma mesma consumação.

O milênio, então, é agora?

Sim, segundo a interpretação amilenista.

Mas precisamos compreender cuidadosamente o significado dessa afirmação.

Dizer que vivemos no milênio não significa afirmar que vivemos no estado eterno.

Vivemos entre duas grandes intervenções de Deus na história.

A primeira já aconteceu:

Cristo veio.

Morreu.

Ressuscitou.

Ascendeu.

Foi entronizado.

Satanás recebeu uma derrota decisiva.

O Espírito foi derramado.

O Evangelho começou a alcançar as nações.

A segunda ainda aguardamos:

Cristo voltará.

Os mortos ressuscitarão.

Os vivos serão transformados.

Satanás será definitivamente condenado.

O julgamento acontecerá.

A criação será renovada.

Entre esses dois acontecimentos encontra-se a era da Igreja — o período que Apocalipse 20 representa simbolicamente pelos mil anos.

Isso significa que a Igreja não está esperando Cristo começar a reinar.

Estamos servindo a um Rei que já reina.

Também não estamos esperando o Reino começar.

O Reino já entrou na história.

O que esperamos é sua consumação.

Essa talvez seja a melhor maneira de compreender a perspectiva amilenista. Ela não coloca toda a escatologia no futuro. A escatologia começou com Cristo. A ressurreição de Jesus inaugurou os últimos dias, sua ascensão estabeleceu publicamente seu governo messiânico e o

derramamento do Espírito marcou a expansão de seu Reino entre as nações.

Vivemos, portanto, nos últimos dias.

Não porque possamos calcular quantos anos faltam para a volta de Cristo, mas porque o último grande estágio da história da redenção antes da consumação já começou.

É nesse sentido que o autor de Hebreus afirma que Deus, “nestes últimos dias, falou-nos por meio do Filho” (Hb 1.2), e Pedro interpreta Pentecostes à luz da profecia de Joel acerca dos “últimos dias” (At 2.16–17).

O milênio, nessa compreensão, não diminui a expectativa da segunda vinda. Pelo contrário, coloca a Igreja exatamente onde o Novo Testamento a coloca: vivendo sob o reinado presente de Cristo enquanto aguarda sua manifestação gloriosa.

Perfeito. Este bloco é especialmente importante porque, tendo assumido o amilenismo como a posição que consideramos mais consistente, precisamos submetê-lo às objeções mais fortes, e não apenas aos argumentos fáceis de responder. Isso dará maior honestidade e solidez ao estudo.

As Principais Objeções ao Amilenismo

Uma posição teológica não deve ser considerada convincente apenas porque consegue apresentar textos que parecem favorecê-la. Ela também precisa ser capaz de responder às passagens que, à primeira vista, parecem contradizê-la. Isso é particularmente importante no debate acerca do milênio, pois Apocalipse 20 apresenta algumas dificuldades reais para a interpretação amilenista.

Até aqui observamos que o amilenismo encontra forte apoio na compreensão do Reino já inaugurado, no reinado presente de Cristo, na derrota decisiva de Satanás e na associação que o Novo Testamento estabelece entre a segunda vinda, a ressurreição, o julgamento e a consumação. Contudo, algumas perguntas permanecem. Se os mil anos correspondem à presente era, por que João chama a experiência dos santos de “primeira ressurreição”? Se Satanás está preso, como explicar sua intensa atividade? Se Apocalipse 19

descreve a volta de Cristo, por que não entender naturalmente o capítulo 20 como aquilo que acontecerá depois? E o que fazer com profecias do Antigo Testamento que parecem descrever um reino terreno ainda marcado pela morte?

Essas objeções merecem respostas cuidadosas.

Primeira objeção: se a primeira ressurreição não é corporal, por que a segunda seria?

Talvez esta seja a objeção exegética mais forte contra o amilenismo.

Apocalipse 20.4–5 declara:

“Eles ressuscitaram e reinaram com Cristo durante mil anos. (O restante dos mortos não voltou a viver até se completarem os mil anos.) Esta é a primeira ressurreição.”

O argumento pré-milenista é bastante direto. Se “voltaram à vida” no versículo 4 significa uma ressurreição corporal dos santos, e o restante dos

mortos volta à vida posteriormente, temos duas ressurreições corporais separadas pelo milênio. Essa leitura possui uma simplicidade que precisa ser reconhecida.

A **resposta amilenista** começa pelo contexto da visão. João não afirma inicialmente ter visto corpos ressuscitados andando sobre a terra. Ele diz: *“Vi as almas dos que foram decapitados por causa do testemunho de Jesus...”* (Ap 20.4)

Essa linguagem é significativa porque aparece anteriormente no próprio livro. Em Apocalipse 6.9, João vê “debaixo do altar as almas daqueles que haviam sido mortos por causa da palavra de Deus”. Ali não se trata da ressurreição corporal, mas da existência consciente dos mártires na presença celestial de Deus.

Apocalipse 20 pode estar retomando essa mesma realidade e mostrando seu outro aspecto. Aqueles que aos olhos da terra foram derrotados, perseguidos e mortos estão, aos olhos do céu, vivos e reinando com Cristo.

A expressão “primeira ressurreição” indicaria, nessa interpretação, a passagem do crente através da morte para a presença gloriosa de Cristo. A ressurreição corporal ainda acontecerá quando o Senhor voltar.

Há uma razão teológica adicional para levar essa possibilidade a sério. O Novo Testamento pode empregar

linguagem de morte e ressurreição para realidades espirituais. Jesus afirma:

“Quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não será condenado, mas já passou da morte para a vida.” (Jo 5.24)

Paulo escreve que Deus:

“deu-nos vida com Cristo [...] Deus nos ressuscitou com Cristo e com ele nos fez assentar nos lugares celestiais” (Ef 2.5–6).

Portanto, a linguagem de ressurreição não precisa necessariamente descrever em todas as ocorrências a ressurreição física do último dia.

Ainda assim, precisamos reconhecer honestamente que Apocalipse 20.4–6 permanece um texto difícil para o amilenismo. A resposta amilenista torna-se mais convincente quando não depende apenas da expressão “primeira ressurreição”, mas é integrada ao testemunho mais amplo do Novo Testamento acerca da ressurreição geral. Jesus fala de uma “hora” em que justos e injustos sairão dos túmulos (Jo 5.28–29); Paulo espera “a ressurreição tanto de justos como de injustos” (At 24.15); e Daniel havia profetizado o despertar de uns para a vida eterna e outros para a vergonha eterna (Dn 12.2).

Assim, o amilenista interpreta o texto mais difícil à luz das passagens mais claras, sem negar que Apocalipse 20 apresenta uma dificuldade exegética real.¹⁵

¹⁵ A interpretação da “primeira ressurreição” constitui um dos pontos mais debatidos dentro do próprio amilenismo. Anthony Hoekema relaciona Apocalipse 20.4–6 ao estado intermediário dos santos que vivem e reinam com Cristo no céu, enquanto outros intérpretes amilenistas enfatizam a regeneração como

cumprimento da primeira ressurreição. A dificuldade do texto recomenda cautela diante de formulações excessivamente dogmáticas. Cf. HOEKEMA, Anthony A. *A Bíblia e o Futuro*.

Segunda objeção: como Satanás pode estar preso hoje?

Essa objeção possui grande força intuitiva.

Basta observar o mundo. Existem idolatria, guerras, perseguição à Igreja, falsas religiões, imoralidade e incredulidade. Além disso, o próprio Novo Testamento, escrito depois da vitória de Cristo, continua descrevendo Satanás como ativo.

Pedro adverte:

“O Diabo, o inimigo de vocês, anda ao redor como leão, rugindo e procurando a quem possa devorar.” (1Pe 5.8)

Paulo chama Satanás de “deus desta era” que cegou o entendimento dos incrédulos (2Co 4.4) e fala das “ciladas do Diabo” contra as quais os cristãos precisam permanecer firmes (Ef 6.11).

Como conciliar esses textos com Apocalipse 20?

A resposta está novamente naquilo que o próprio texto diz. João não afirma que Satanás está impedido de qualquer atividade. Ele especifica a finalidade de sua prisão:

“para que não mais enganasse as nações até que terminassem os mil anos” (Ap 20.3).

A restrição, portanto, é definida.

Satanás continua tentando indivíduos, perseguindo a Igreja e promovendo mentira e idolatria. O que lhe foi retirado é a capacidade de manter as nações sob aquele domínio que impediria a expansão mundial do Evangelho.

Essa interpretação encontra forte paralelo nas palavras de Jesus sobre amarrar o homem forte (Mt 12.29) e na declaração de João 12.31–32, onde a expulsão do príncipe deste mundo está relacionada ao fato de Cristo atrair pessoas a si.

A história da missão cristã ajuda a perceber a dimensão dessa mudança. O Evangelho, inicialmente anunciado em uma pequena região do Império Romano, atravessou continentes, idiomas e culturas. A Igreja existe entre povos que durante séculos estiveram completamente fora da esfera da revelação especial de Deus.

Portanto, dizer que Satanás está preso não significa afirmar que Satanás está inativo. Significa afirmar aquilo que Apocalipse 20 afirma: seu poder foi restringido em relação ao engano das nações durante o período determinado por Deus para a missão mundial da Igreja.¹⁶

Terceira objeção: Apocalipse 20 não acontece simplesmente depois de Apocalipse 19?

Esta talvez seja a objeção estrutural mais importante.

Apocalipse 19 apresenta Cristo vindo como Rei dos reis e Senhor dos senhores, derrotando a besta, o falso profeta e os exércitos que se levantaram contra Ele. Em seguida, Apocalipse 20 começa com João vendo um anjo prender Satanás.

A leitura mais simples parece ser:

¹⁶ A interpretação amilenista não afirma uma prisão absoluta de Satanás, mas uma restrição correspondente à finalidade explicitamente indicada em Apocalipse 20.3. A relação com

Mateus 12.29, Lucas 10.18 e João 12.31–32 fornece importante fundamento neotestamentário para situar essa derrota na primeira vinda de Cristo.

segunda vinda → prisão de Satanás → milênio.

Por que não aceitar simplesmente essa sequência?

Porque, como vimos anteriormente, a ordem das visões em Apocalipse não corresponde necessariamente à ordem cronológica dos acontecimentos. O livro frequentemente chega à consumação e depois retorna para contemplar a mesma história de outra perspectiva.

Um exemplo particularmente importante encontra-se em Apocalipse 11–12. A sétima trombeta anuncia:

“O reino do mundo se tornou de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre.” (Ap 11.15)

O capítulo termina com linguagem de julgamento. Entretanto, imediatamente depois, Apocalipse 12 apresenta novamente o nascimento do Messias e sua oposição pelo dragão. João evidentemente retornou no tempo.

Por isso, o amilenismo entende que algo semelhante acontece entre os capítulos 19 e 20. Apocalipse 19 leva uma das sequências do livro até a manifestação gloriosa de Cristo. Apocalipse 20 retorna para mostrar o período entre as duas vindas sob outro aspecto: Satanás restringido, os santos reinando com Cristo e, no final, a última rebelião.

Há ainda uma observação interessante. O conflito de Apocalipse 20.7–10 possui fortes semelhanças com os

conflitos finais descritos anteriormente no livro. Em vez de necessariamente representar guerras distintas separadas por grandes períodos, essas cenas podem ser diferentes perspectivas sobre a mesma oposição escatológica e sua derrota definitiva.

Portanto, o argumento amilenista não é que Apocalipse 20 “deveria vir antes” do capítulo 19. É que a sequência literária das visões não exige uma sequência cronológica absoluta dos acontecimentos representados por elas.¹⁷

Quarta objeção: e Isaías 65, onde existe morte nos novos céus e nova terra?

Isaías 65.17–25 constitui um dos textos veterotestamentários mais importantes no debate.

Deus declara: *“Vejam! Criarei novos céus e nova terra...”* (Is 65.17)

Entretanto, poucos versículos depois lemos:

“Nunca mais haverá nela uma criança que viva poucos dias, e um idoso que não complete os seus anos de idade; quem morrer aos cem anos ainda será jovem...” (Is 65.20)

O pré-milenista apresenta uma pergunta importante: se Isaías está descrevendo o estado eterno, como pode haver morte?

Daí a interpretação de que o profeta estaria descrevendo o reino milenar: uma realidade extraordinariamente abençoada, mas ainda anterior ao estado eterno.

¹⁷ A recapitulação constitui uma das principais chaves estruturais da interpretação amilenista de Apocalipse. O argumento não depende simplesmente da existência de repetições, mas da observação de que diferentes ciclos do livro

parecem alcançar repetidamente a consumação e o julgamento final. Cf. HENDRIKSEN, William. *Mais que Vencedores*; BEALE, G. K. *The Book of Revelation*.

A resposta amilenista leva em consideração a maneira como a profecia veterotestamentária frequentemente descreve realidades futuras utilizando categorias pertencentes à experiência histórica de Israel.

Isaías procura comunicar uma realidade que ultrapassa a experiência presente utilizando imagens compreensíveis aos seus primeiros ouvintes. Longevidade, prosperidade, segurança, fecundidade e ausência de guerra tornam-se figuras da plenitude da bênção divina.

A própria passagem demonstra que não podemos simplesmente literalizar cada detalhe. Isaías 65.25 afirma: “*O lobo e o cordeiro comerão juntos, e o leão comerá palha como o boi.*”

A questão não é reduzir a promessa a uma metáfora vazia. É reconhecer que a linguagem profética pode retratar a realidade escatológica através de imagens da criação presente.

Mais importante ainda é observar como o Novo Testamento utiliza a expressão de Isaías. Pedro escreve:

“*Todavia, de acordo com a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, onde habita a justiça.*” (2Pe 3.13)

João também declara:

“*Então vi novos céus e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham passado.*” (Ap 21.1)

E imediatamente esclarece: “*Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor...*” (Ap 21.4)

O Novo Testamento, portanto, interpreta a esperança dos novos céus e

nova terra em termos de uma realidade na qual **a morte não existe mais**.

Isso fornece ao amilenismo uma importante chave hermenêutica: a revelação posterior esclarece a anterior. Isaías descreve a glória futura nas categorias proféticas disponíveis em seu contexto; Apocalipse revela com maior clareza que, na consumação dessa promessa, a morte será definitivamente eliminada.¹⁸

Quinta objeção: o Amilenismo espiritualiza as promessas feitas a Israel?

Essa acusação aparece frequentemente, especialmente em debates com o dispensacionalismo.

O argumento é que Deus fez promessas concretas a Abraão e seus descendentes envolvendo terra, descendência e reino. Se essas promessas forem aplicadas à Igreja ou à nova criação, não estaríamos substituindo seu significado original por uma interpretação espiritual?

A resposta reformada precisa ser formulada cuidadosamente.

O amilenismo não sustenta que Deus tenha abandonado suas promessas a Israel. Sustenta que essas promessas encontram seu cumprimento em Cristo, e que todos os que estão unidos a Cristo participam da herança prometida.

Paulo afirma: “*Pois quantas forem as promessas feitas por Deus, tantas têm em Cristo o ‘sim’.*” (2Co 1.20)

Em Gálatas, ele faz uma afirmação ainda mais específica:

¹⁸ A relação entre Isaías 65, 2 Pedro 3 e Apocalipse 21 constitui um exemplo importante do princípio de interpretar a profecia veterotestamentária à luz de seu desenvolvimento no

Novo Testamento. A revelação posterior não cancela a promessa anterior, mas esclarece sua dimensão escatológica.

“Assim também as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente. A Escritura não diz: ‘E aos seus descendentes’, como se falando de muitos, mas: ‘Ao seu descendente’, dando a entender que se trata de um só, isto é, Cristo.” (Gl 3.16)

E posteriormente:

“E, se vocês são de Cristo, são descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa.” (Gl 3.29)

Isso não significa que Israel tenha sido simplesmente descartado e substituído por outro povo. A imagem de Romanos 11 é mais rica: há uma única oliveira, alguns ramos naturais foram quebrados pela incredulidade, gentios foram enxertados e Paulo mantém uma forte expectativa relacionada aos judeus e à fidelidade das promessas de Deus.

A questão central é que o Novo Testamento não apresenta dois povos redimidos com dois destinos eternos distintos. Judeus e gentios são reconciliados em Cristo e formam um só povo de Deus (Ef 2.11–22).

A própria promessa da terra sofre uma expansão impressionante no Novo Testamento. Paulo descreve Abraão como herdeiro não simplesmente de Canaã, mas do **mundo**:

“Não foi mediante a lei que Abraão e a sua descendência receberam a promessa de que ele seria herdeiro do mundo...” (Rm 4.13)

Hebreus afirma que Abraão aguardava “a cidade que tem alicerces, cujo arquiteto e edificador é Deus” (Hb

11.10) e que os patriarcas desejavam “uma pátria melhor, isto é, a pátria celestial” (Hb 11.16).

A promessa não foi diminuída. **Foi ampliada.**

Canaã apontava para uma herança maior: a nova criação.

Por isso, talvez seja inadequado dizer que o amilenismo simplesmente “espiritualiza” as promessas. A interpretação reformada procura compreendê-las **cristologicamente e escatologicamente**. Aquilo que Deus prometeu encontra em Cristo uma realização maior do que aquela que os próprios símbolos veterotestamentários antecipavam.¹⁹

Sexta objeção: se Cristo reina agora, por que o mundo parece tão pouco submetido a Ele?

Essa objeção não vem apenas do pré-milenismo. Ela surge da própria experiência cristã.

Se Jesus já é Rei, por que existem guerras? Por que os cristãos são perseguidos? Por que a incredulidade permanece tão forte? Por que a morte continua vencendo pessoas todos os dias?

A resposta encontra-se na estrutura do próprio Reino de Deus.

Cristo já reina, mas sua vitória ainda não foi plenamente manifestada.

Paulo escreve:

“Pois é necessário que ele reine até que todos os seus inimigos sejam postos

¹⁹ A relação entre Israel e Igreja exige tratamento mais amplo do que é possível nesta seção. A interpretação reformada tradicional enfatiza a unidade do povo de Deus em Cristo sem negar a importância histórica de Israel nem a discussão exegética acerca de Romanos 11. A expressão

“teologia da substituição”, quando utilizada para sugerir que a Igreja simplesmente tomou o lugar de Israel depois de Deus abandonar suas promessas anteriores, não representa adequadamente essa posição.

debaixo de seus pés. O último inimigo a ser destruído é a morte.” (1Co 15.25–26)

Observe a tensão.

Cristo **reina**.

Mas ainda existem **inimigos**.

Essa é precisamente a situação presente.

A ressurreição de Cristo decidiu a guerra, mas a consumação ainda não aconteceu. Satanás foi derrotado decisivamente, mas aguarda sua condenação final. Os cristãos receberam vida eterna, mas continuam morrendo. Somos cidadãos do Reino, mas ainda oramos: “Venha o teu Reino”.

O amilenismo procura preservar essa tensão sem antecipar a consumação nem empurrar todo o Reino para o futuro.

O Amilenismo responde satisfatoriamente às objeções?

Depois de considerar essas dificuldades, não penso que devamos concluir que o amilenismo elimina todos os problemas interpretativos. Nenhuma das três posições faz isso.

Apocalipse 20.4–6 permanece uma passagem difícil. A relação entre as profecias veterotestamentárias e sua consumação exige cuidadosa hermenêutica. Romanos 11 continua produzindo discussões importantes mesmo entre intérpretes reformados. Há também diferenças internas entre os próprios amilenistas.

Reconhecer essas dificuldades não enfraquece nossa posição. Pelo contrário, impede que nossa confiança dependa de respostas artificiais.

A razão pela qual considero o amilenismo mais convincente não está na

facilidade com que explica cada detalhe isolado de Apocalipse 20. Está em sua **capacidade cumulativa de harmonizar Apocalipse 20 com a estrutura escatológica mais ampla das Escrituras**.

O Reino foi inaugurado na primeira vinda.

Cristo reina agora.

Satanás sofreu uma derrota decisiva.

O Evangelho está alcançando as nações.

Os santos mortos estão com Cristo.

A Igreja permanece simultaneamente vitoriosa e perseguida.

Antes do fim haverá intensa oposição.

Cristo voltará uma vez, pública e gloriosamente.

Justos e injustos ressuscitarão.

Haverá o julgamento.

A morte será destruída.

Então virão os novos céus e a nova terra.

Essa estrutura não depende de inserir entre a segunda vinda e o estado eterno um período que as passagens didáticas do Novo Testamento nunca apresentam claramente. Tampouco exige esperar uma era de predominância cristã mundial que o Novo Testamento não afirma de maneira inequívoca.

É por essa razão, e não simplesmente por tradição denominacional ou preferência histórica, que considero o **amilenismo a interpretação que melhor organiza o conjunto da evidência bíblica**.

Avaliação Comparativa das Três Concepções Milenistas

Depois de examinarmos o pré-milenismo, o pós-milenismo e o amilenismo, podemos agora colocá-los diante do conjunto da revelação bíblica. Este é um passo necessário porque nenhuma posição deve ser avaliada apenas por sua capacidade de explicar Apocalipse 20. Uma interpretação escatológica precisa harmonizar esse capítulo com o ensino de Jesus, dos apóstolos e dos profetas acerca do Reino de Deus, da segunda vinda, da ressurreição, do julgamento e da consumação.

Também é importante reconhecer que as três posições não discordam sobre tudo. Pré-milenistas, pós-milenistas e amilenistas historicamente ortodoxos confessam que Jesus Cristo ressuscitou corporalmente, reina, voltará pessoal e gloriosamente, derrotará definitivamente seus inimigos e conduzirá a história ao fim determinado por Deus. A divergência está principalmente na maneira como esses acontecimentos se relacionam com os mil anos de Apocalipse 20.

Por isso, nossa avaliação não pretende estabelecer uma fronteira entre cristãos fiéis e infiéis, mas perguntar qual das três interpretações oferece a leitura mais coerente do conjunto das Escrituras.

Onde está o Reino de Cristo?

As três posições reconhecem, em alguma medida, que Cristo reina atualmente. Contudo, atribuem diferentes significados à manifestação histórica desse Reino.

O pré-milenismo histórico pode afirmar vigorosamente o reinado presente de Cristo, mas ainda espera uma fase futura e particular desse governo sobre a

terra depois da segunda vinda. O pós-milenismo também reconhece que Cristo reina agora, mas espera que esse reinado produza, antes de sua volta, uma manifestação histórica extraordinariamente ampla mediante o avanço do Evangelho. O amilenismo entende que o período presente já corresponde ao reino messiânico descrito simbolicamente pelos mil anos de Apocalipse 20, embora sua manifestação plena somente aconteça na segunda vinda.

Nesse ponto, considero que o amilenismo acompanha de maneira particularmente natural a tensão encontrada no Novo Testamento. Cristo já foi entronizado:

“Deus o exaltou à mais alta posição e lhe deu o nome que está acima de todo nome.” (Fp 2.9)

Pedro afirma em Pentecostes que Jesus foi exaltado à direita de Deus e constituído “Senhor e Cristo” (At 2.32–36). Paulo declara que Ele já reina e continuará reinando “até que todos os seus inimigos sejam postos debaixo de seus pés” (1Co 15.25).

O Novo Testamento não apresenta Cristo simplesmente aguardando um reino futuro. O Messias já reina. Ao mesmo tempo, nem todos os seus inimigos foram definitivamente destruídos. O último deles, a morte, permanece aguardando sua derrota final.

O amilenismo procura preservar justamente essa tensão: o Reino já foi

inaugurado, mas ainda não foi consumado.²⁰

Quando acontece a ressurreição?

A relação entre ressurreição e segunda vinda talvez seja ainda mais importante para nossa avaliação.

O pré-milenismo normalmente distingue a ressurreição dos justos daquela dos injustos por meio do período milenar. Apocalipse 20.4–6 constitui o principal fundamento dessa interpretação.

Entretanto, outras passagens parecem apresentar uma ressurreição geral associada à consumação.

Jesus afirma:

“Está chegando a hora em que todos os que estiverem nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão; os que fizeram o bem ressuscitarão para a vida, e os que fizeram o mal ressuscitarão para serem condenados.” (Jo 5.28–29)

Daniel já havia utilizado linguagem semelhante:

“Multidões que dormem no pó da terra despertarão: uns para a vida eterna, outros para vergonha e desprezo eterno.” (Dn 12.2)

Paulo, diante de Félix, declara possuir esperança: “de que haverá ressurreição tanto de justos como de injustos.” (At 24.15)

Nenhum desses textos estabelece matematicamente que os dois grupos ressuscitam no mesmo segundo. Contudo, considerados conjuntamente,

apresentam a ressurreição dos justos e dos injustos como pertencente à mesma grande consumação escatológica.

É justamente aqui que surge uma dificuldade importante para o pré-milenismo. Se Apocalipse 20 exige duas ressurreições corporais separadas por mil anos, precisamos explicar por que as passagens mais didáticas do Novo Testamento não apresentam claramente esse intervalo.

O amilenismo oferece uma resposta mais simples: a “primeira ressurreição” de Apocalipse 20.4–6 não corresponde à ressurreição corporal final, enquanto a ressurreição corporal de justos e injustos ocorre na volta de Cristo.

Reconhecemos que essa interpretação enfrenta dificuldades no próprio Apocalipse 20. Ainda assim, ela parece harmonizar melhor esse texto com o testemunho mais amplo acerca da ressurreição.

O que acontece quando Cristo volta?

Talvez essa seja a pergunta mais decisiva de toda a comparação.

Se retirássemos momentaneamente Apocalipse 20 da discussão e perguntássemos apenas o que os demais textos do Novo Testamento associam à segunda vinda, encontraríamos uma concentração impressionante de acontecimentos.

Quando Cristo voltar, os mortos em Cristo ressuscitarão e os crentes vivos serão reunidos ao Senhor (1Ts 4.13–17).

²⁰ A formulação do Reino como realidade presente e futura é frequentemente expressa pela categoria do “já e ainda não”. Embora essa linguagem tenha sido desenvolvida de maneiras distintas na teologia bíblica contemporânea, ela procura representar uma tensão claramente

presente no Novo Testamento: as bênçãos escatológicas foram inauguradas em Cristo, mas sua plenitude aguarda sua segunda vinda. Cf. HOEKEMA, Anthony A. *A Bíblia e o Futuro*; LADD, George Eldon. *Teologia do Novo Testamento*.

Quando Cristo voltar, os santos receberão alívio e os perseguidores enfrentarão juízo (2Ts 1.6–10).

Quando o Filho do Homem vier em sua glória, as nações serão reunidas diante dele para julgamento (Mt 25.31–46).

Quando Cristo aparecer, ocorrerá a transformação dos seus (1Co 15.51–52).

O Dia do Senhor está associado à transformação da presente ordem e à expectativa dos novos céus e da nova terra (2Pe 3.10–13).

Esse conjunto produz uma sequência bastante natural:

**segunda vinda → ressurreição
→ julgamento → consumação.**

O pré-milenismo precisa introduzir entre esses acontecimentos um período adicional durante o qual Cristo reina sobre uma terra que ainda contém pecado, morte e seres humanos não glorificados.

Isso não torna a posição impossível, mas exige que Apocalipse 20 tenha força suficiente para reorganizar aquilo que, em outras passagens, parece estar intimamente unido.

O amilenismo não necessita desse intervalo. A segunda vinda encerra a presente era e introduz a consumação.

Considero esse um dos seus argumentos mais fortes.

E quanto ao Pós-milenismo?

A dificuldade do pós-milenismo é diferente. Ele não precisa inserir um milênio depois da segunda vinda, pois entende que Cristo retorna ao final desse período. Nesse aspecto, sua estrutura aproxima-se muito do amilenismo.

A questão passa a ser outra: as Escrituras prometem uma era de predominância histórica do cristianismo antes da volta de Cristo?

O pós-milenismo apresenta textos importantes. As nações pertencem ao Messias (Sl 2.8); todos os confins da terra se voltarão para o Senhor (Sl 22.27); o conhecimento da glória de Deus encherá a terra (Hc 2.14); o Reino cresce como a mostarda e penetra como o fermento (Mt 13.31–33); e a Igreja recebeu a missão de discipular as nações sob a autoridade universal de Cristo (Mt 28.18–20).

Essas passagens devem nos proteger de uma escatologia pessimista que praticamente espera o fracasso do Evangelho.

Entretanto, o Novo Testamento também apresenta o período entre as duas vindas como marcado pela coexistência do Reino e da oposição ao Reino. Trigo e joio crescem juntos até a colheita (Mt 13.24–30,36–43). O Evangelho será anunciado a todas as nações (Mt 24.14), mas a Igreja continuará enfrentando tribulação. Paulo fala de apostasia e oposição antes da manifestação do Senhor (2Ts 2.1–8). Apocalipse apresenta simultaneamente a expansão universal do povo de Deus e a perseguição dos santos.

Assim, parece mais seguro afirmar que o Evangelho triunfará em sua missão de reunir para Cristo um povo de todas as tribos, línguas, povos e nações, sem concluir necessariamente que a maior parte das estruturas sociais e culturais do mundo será cristianizada antes da segunda vinda.

O amilenismo permite manter uma expectativa missionária vigorosa sem transformar essa expectativa em uma

cronologia obrigatória do progresso histórico.

Israel e a Igreja

Outra questão que distingue especialmente o dispensacionalismo pré-milenista da tradição amilenista reformada é a relação entre Israel e Igreja.

A questão não pode ser reduzida à pergunta: “Deus terminou com Israel?”. Paulo responde enfaticamente: “Deus rejeitou o seu povo? De maneira nenhuma!” (Rm 11.1)

Romanos 11 precisa ser levado seriamente em consideração, inclusive a difícil afirmação de que “todo o Israel será salvo” (Rm 11.26). Reformados amilenistas divergem quanto à interpretação precisa dessa passagem. Alguns esperam uma conversão futura e ampla dos judeus; outros compreendem “todo o Israel” de maneira mais abrangente em relação ao povo de Deus.²¹

O ponto mais claro do Novo Testamento, entretanto, é que existe um único caminho de salvação e um único povo redimido em Cristo.

Paulo escreve aos gentios: “*Vocês que antes estavam longe foram aproximados mediante o sangue de Cristo.*” (Ef 2.13)

Cristo fez dos dois povos um e derrubou a parede de separação (Ef 2.14–16).

A oliveira de Romanos 11 também é uma só. Ramos naturais podem ser

quebrados e novamente enxertados; ramos gentílicos são enxertados nela. Paulo não apresenta duas árvores redentoras paralelas.

Essa unidade cristológica da história da redenção favorece a leitura reformada de que as promessas feitas a Abraão encontram sua consumação em Cristo e, por meio dele, alcançam todo o seu povo.

Qual posição interpreta melhor Apocalipse 20?

Depois de toda essa discussão, precisamos voltar ao texto de onde partimos.

O pré-milenismo possui uma vantagem evidente: sua leitura inicial de Apocalipse 19–20 é bastante intuitiva. Cristo aparece no capítulo 19; Satanás é preso no capítulo 20; os santos ressuscitam e reinam durante mil anos. Se os capítulos forem necessariamente cronológicos, a conclusão pré-milenista é poderosa.

O pós-milenismo e o amilenismo, entretanto, observam que Apocalipse não funciona como uma cronologia contínua. O livro recapitula repetidamente os acontecimentos entre a primeira e a segunda vinda.

Quando essa estrutura é reconhecida, Apocalipse 20 pode ser lido naturalmente como uma nova visão da era da Igreja.

Cristo derrotou decisivamente Satanás em sua primeira vinda.

²¹ Romanos 11.25–27 possui diferentes interpretações mesmo dentro da tradição reformada. Alguns intérpretes entendem “todo o Israel” como referência a uma futura conversão em larga escala do povo judeu; outros relacionam a

expressão à totalidade do povo eleito de Deus. A adoção do amilenismo, portanto, não exige necessariamente negar uma futura obra extraordinária de Deus entre os judeus.

O inimigo encontra-se restringido quanto ao engano das nações.

O Evangelho avança.

Os santos mortos vivem e reinam com Cristo.

Ao final dessa era haverá uma última manifestação da oposição satânica.

Cristo retornará e destruirá definitivamente seus inimigos.

Seguem-se a ressurreição, o julgamento e a nova criação.

Essa leitura permite que Apocalipse 20 seja interpretado dentro da estrutura escatológica encontrada no restante do Novo Testamento.

QUADRO COMPARATIVO DAS TRÊS CONCEPÇÕES MILENISTAS

Pré-milenismo • Pós-milenismo • Amilenismo

QUESTÃO	PRÉ-MILENISMO	PÓS-MILENISMO	AMILENISMO
 Milênio	Futuro, literal (ou predominantemente literal). Reino de Cristo na terra depois da segunda vinda.	Período presente/futuro dentro da era da Igreja, caracterizado pela expansão e triunfo do Evangelho.	Período presente entre as duas vindas. Simbolizado pelos “mil anos” de Apocalipse 20.
 Segunda vinda de Cristo	Antes do milênio. Cristo volta, derrota seus inimigos e então inicia o reino milenar.	Depois do milênio. Cristo volta ao final do período de triunfo do Evangelho.	Depois do milênio (que é o período presente). Cristo volta para encerrar a presente era.
 Reinado de Cristo hoje	Sim. Cristo reina agora, mas aguarda uma manifestação plena e terrestre no milênio.	Sim. Cristo reina agora e seu Reino avança progressivamente na história até um triunfo amplo antes da volta.	Sim. Cristo já foi entronizado e reina agora sobre sua Igreja e todas as coisas.
 Interpretação dos “mil anos”	Geralmente literais (embora possa haver variações).	Simbólicos. Representam um longo período de prosperidade do Reino.	Simbólicos. Representam a totalidade do período entre as duas vindas.
 Satanás	Atua livremente até a segunda vinda. É preso somente no início do milênio.	Atua com restrições progressivas à medida que o Evangelho avança. Pode ser preso de forma parcial nesse período (interpretação varia).	Já está preso desde a primeira vinda, impedido de enganar as nações (Ap 20.3).
 Ressurreição	Duas ressurreições corporais: • Primeira: justos no início do milênio. • Segunda: ímpios após o milênio.	Ressurreição geral (justos e ímpios) na segunda vinda, ao final do milênio.	Ressurreição geral (justos e ímpios) na segunda vinda.
 Condição do mundo antes da volta	Período de tribulação e apostasia. O mundo permanece dominado pelo mal até a segunda vinda.	Período de grande expansão do Evangelho, com transformação de nações e instituições.	Evangelho avança e Igreja sofre oposição. Justos e ímpios coexistem até a consumação.
 Juízo final	Após o milênio, depois da libertação de Satanás e da última rebelião.	Na segunda vinda, ao final do milênio.	Na segunda vinda, imediatamente após os acontecimentos finais.
 Nova criação (novos céus e nova terra)	Depois do juízo final e da rebelião final, ao término do milênio.	Após o juízo final, na segunda vinda.	Após o juízo final, na segunda vinda.
 Textos-chave utilizados	Ap 19–20 (leitura sequencial); Is 65; Is 11; Zc 14; 1Co 15; Dn 12.	Mt 13; Mt 28; Sl 2; Sl 72; Is 2; Hc 2; 1Co 15:25.	Ap 20 (recapitulação); Jo 5; Mt 24–25; 1Ts 4; 1Co 15; 2Pe 3; Ef 2.



Lembre-se: As três posições confessam que Jesus Cristo voltará pessoal e gloriosamente, derrotará o mal, ressuscitará os mortos, julgará o mundo e estabelecerá os novos céus e a nova terra para sempre.

“Amém. Vem, Senhor Jesus!”
Apocalipse 22.20

Essa comparação mostra também por que algumas discussões populares são inadequadas. Não existe simplesmente uma posição “literal” contra outras “simbólicas”. Todos os sistemas interpretam partes da profecia literalmente e outras simbolicamente. A verdadeira questão é quais elementos o

próprio texto pretende que sejam compreendidos simbolicamente e como cada passagem se relaciona com o conjunto da revelação.

Por que adotamos o Amilenismo?

Depois de examinar as três posições, considero importante apresentar nossa conclusão sem transformar convicção em arrogância.

Adotamos o amilenismo porque entendemos que ele oferece a melhor síntese do conjunto da revelação bíblica.

Não porque todos os reformadores tenham sido amilenistas.

Não porque seja a única posição possível entre cristãos ortodoxos.

Muito menos porque Apocalipse 20 seja um texto simples.

Nossa convicção nasce do argumento cumulativo.

O Reino de Deus já foi inaugurado na primeira vinda de Cristo.

Jesus já está entronizado à direita do Pai.

Satanás sofreu uma derrota decisiva na obra de Cristo e encontra-se restringido quanto à sua capacidade de manter as nações sob o mesmo domínio anterior.

O Evangelho está sendo anunciado a todas as nações.

Os santos que morreram estão vivos com Cristo e participam de seu reinado.

A Igreja vive durante essa era entre vitória e sofrimento, missão e perseguição.

Antes do fim, a oposição ao Reino poderá intensificar-se.

Então Cristo retornará pessoal, visível e gloriosamente.

Sua volta trará a ressurreição, o julgamento e a consumação.

Depois disso, não aguardaremos outro estágio provisório da história.

Aguardamos os novos céus e a nova terra, nos quais habita a justiça.

Essa estrutura possui, a meu ver, uma importante virtude: ela permite que as passagens mais claras acerca da segunda vinda estabeleçam o quadro dentro do qual interpretamos a visão mais difícil de Apocalipse 20, em vez de construir toda a cronologia escatológica a partir de um único texto apocalíptico.

Isso não resolve cada dificuldade. Continuamos reconhecendo que a “primeira ressurreição” exige cuidadosa interpretação e que algumas profecias veterotestamentárias apresentam questões complexas. Uma posição teológica madura não precisa fingir que não possui textos difíceis.

A pergunta é qual interpretação exige menos construções externas ao texto e explica melhor o conjunto da revelação.

Nesse sentido, consideramos o amilenismo a posição mais consistente.

Mais importante que nossa posição milenista

Depois de uma aula como esta, existe um perigo que não devemos ignorar. Um aluno pode sair sabendo definir perfeitamente pré-milenismo, pós-milenismo e amilenismo e, ainda assim, perder aquilo que realmente importa.

A esperança cristã não é um sistema escatológico.

Nossa esperança é Cristo.

Quando Paulo consolou os tessalonicenses que haviam perdido irmãos queridos, não lhes entregou um gráfico escatológico. Ele lhes recordou

que: “o próprio Senhor descera dos céus” (1Ts 4.16).

Essa é a esperança da Igreja.

Podemos discordar sobre a natureza dos mil anos e ainda nos ajoelhar juntos diante do mesmo Rei.

Um irmão pré-milenista que confessa a volta corporal e gloriosa de Cristo é nosso irmão.

Um pós-milenista que aguarda a consumação do Reino é nosso irmão.

Um amilenista não possui um Evangelho superior simplesmente porque consideramos sua interpretação escatológica mais coerente.

Há momentos em que a fidelidade exige firmeza doutrinária. Há outros em que exige reconhecer a diferença entre aquilo que constitui o centro da fé e aquilo sobre o qual cristãos comprometidos com as Escrituras podem discordar.

O milênio pertence à segunda categoria.

Mas há algo sobre o qual não podemos negociar: **Jesus Cristo voltará.**

O Rei que hoje governa invisivelmente será visto por toda a criação. Os mortos ressuscitarão. O mal será julgado. A morte será destruída. O povo de Deus será glorificado. A criação será renovada.

Quando isso acontecer, nenhum dos redimidos estará interessado em descobrir quem venceu o debate milenista.

Todos estarão olhando para o Rei.

E talvez essa seja a maneira mais adequada de terminar nossa discussão sobre os mil anos: não contemplando um período, mas aquele que reina sobre todos os períodos; não tentando dominar cada detalhe do futuro, mas aguardando com confiança aquele que declarou: “**Sim, venho em breve!**”

Ao que a Igreja responde: “**Amém. Vem, Senhor Jesus!**” (Ap 22.2)

Da Doutrina à Vida

Depois de percorrermos as principais concepções acerca do milênio, poderíamos terminar esta aula apenas sabendo distinguir pré-milenismo, pós-milenismo e amilenismo. Saberíamos explicar onde cada posição coloca a segunda vinda, como interpreta os mil anos de Apocalipse 20 e quais dificuldades precisa enfrentar. Isso seria intelectualmente proveitoso, mas ainda insuficiente.

A escatologia bíblica nunca foi dada à Igreja apenas para satisfazer sua curiosidade acerca do futuro. Deus revela

o fim da história para ensinar seu povo a viver no presente.

Essa verdade aparece de maneira particularmente clara em Apocalipse. O livro não foi originalmente entregue a pessoas confortavelmente reunidas em uma sala tentando montar um calendário profético. Foi escrito a igrejas reais, algumas delas perseguidas, outras seduzidas pelo mundo, outras espiritualmente adormecidas. Elas precisavam saber que, por trás das aparências da história, *Cristo reina*.

Essa talvez seja a consequência pastoral mais importante da compreensão amilenista.

Não estamos esperando Jesus tornar-se Rei.

Ele já é Rei.

Pedro anunciou em Pentecostes que aquele que havia sido crucificado fora exaltado à direita de Deus e constituído “Senhor e Cristo” (At 2.32–36). Paulo afirma que Ele deve reinar até que todos os seus inimigos sejam colocados debaixo dos seus pés (1Co 15.25). Apocalipse apresenta o Cordeiro que foi morto ocupando o centro do governo de Deus e conduzindo a história ao seu propósito.

O mundo pode não parecer governado por Cristo. Impérios se levantam, guerras acontecem, cristãos são perseguidos, governos desafiam a justiça de Deus, sociedades rejeitam sua Palavra e a morte continua entrando em nossas casas. Nada disso, porém, significa que o trono esteja vazio.

A fé cristã nos ensina a interpretar a história não apenas pelo que nossos olhos conseguem enxergar, mas pelo que Deus revelou.

O Cordeiro reina.

Essa convicção modifica profundamente nossa maneira de viver.

Não precisamos viver procurando sinais em cada acontecimento

Uma escatologia saudável nos liberta da ansiedade escatológica.

Ao longo da história cristã, guerras, epidemias, terremotos, crises econômicas, mudanças políticas e avanços tecnológicos foram repetidamente identificados como sinais definitivos de que determinada geração seria a última. Personagens históricos foram apontados como o Anticristo, datas foram

calculadas e previsões foram anunciadas com enorme segurança.

Todas passaram.

Jesus não nos chamou para calcular aquilo que o Pai decidiu não revelar. Ele nos chamou para permanecer vigilantes.

Há uma diferença profunda entre **vigilância e especulação**.

A especulação pergunta: “Quando acontecerá?”

A vigilância pergunta: “Como devo viver enquanto espero?”

Foi exatamente para essa direção que Jesus conduziu seus discípulos. Depois de ensinar acerca de sua volta, contou parábolas sobre servos fiéis, virgens preparadas e mordomos responsáveis (Mt 24.45–25.30). O interesse de Cristo não era alimentar curiosidade cronológica, mas produzir fidelidade.

O cristão que realmente acredita na segunda vinda não passa necessariamente mais tempo olhando para o calendário. Ele passa a viver de maneira diferente.

O reinado presente de Cristo dá sentido à missão

Se Satanás foi restringido para que não continue enganando as nações como anteriormente, então Apocalipse 20 possui uma extraordinária implicação missionária.

As nações estão abertas ao Evangelho.

Não porque todos receberão a mensagem, mas porque nenhum território pertence definitivamente ao inimigo.

Jesus ressuscitado declarou:

“Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações...”
(Mt 28.18–19)

Observe novamente a ordem.

Primeiro: **toda autoridade me foi dada.**

Depois: **portanto, vão.**

A missão cristã repousa sobre o reinado de Cristo.

A Igreja não evangeliza tentando conquistar territórios sobre os quais Jesus ainda não possui autoridade. Entramos em lugares que já pertencem ao Rei e anunciamos aos pecadores que se reconciliem com Ele.

Isso nos impede tanto do pessimismo quanto do triunfalismo.

Não somos pessimistas porque sabemos que o Evangelho cumprirá exatamente o propósito para o qual Deus o enviou. Cristo reunirá para si pessoas “de toda tribo, língua, povo e nação” (Ap 5.9).

Mas também não somos triunfalistas, porque o Novo Testamento nunca prometeu uma Igreja livre da cruz durante a presente era.

Avançamos sofrendo.

Pregamos sendo rejeitados.

Servimos sabendo que alguns não ouvirão.

E continuamos porque o resultado último da missão não depende de nossa capacidade, mas daquele que declarou possuir toda autoridade.

O sofrimento da Igreja não significa a derrota do Reino

Essa talvez seja uma das mensagens mais belas de Apocalipse.

A perspectiva da terra e a perspectiva do céu são frequentemente diferentes.

Na terra, os mártires parecem derrotados.

Em Apocalipse 20, João olha novamente e os encontra reinando com Cristo.

O mundo disse: “Nós os matamos.”

O céu responde: “Eles reinam.”

Isso transforma nossa compreensão do sofrimento cristão.

A fidelidade não deve ser medida apenas por resultados visíveis. Uma igreja pequena pode ser fiel. Um missionário aparentemente sem resultados pode ser fiel. Um cristão perseguido pode parecer derrotado diante dos homens e estar participando da vitória do Cordeiro.

Apocalipse chega a afirmar acerca dos santos:

“Eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do testemunho que deram; diante da morte, não amaram a própria vida.” (Ap 12.11)

Observe o paradoxo: **eles venceram morrendo.**

Isso só faz sentido quando compreendemos que nossa vitória está unida à vitória de Cristo. O próprio Cordeiro venceu por meio da cruz.

Portanto, não devemos interpretar dificuldades históricas da Igreja como evidência de que Cristo perdeu o controle da história.

O Amilenismo não é pessimista

Esse esclarecimento é importante.

Às vezes o pós-milenismo é apresentado como a posição otimista e o amilenismo como a posição pessimista. Essa classificação é inadequada.

O amilenista possui razões profundas para ser otimista.

Cristo já venceu.

Cristo já reina.

Satanás já foi decisivamente derrotado.

O Evangelho alcançará todas as nações.

Nenhuma das pessoas que o Pai entregou ao Filho será perdida.

A Igreja será preservada.

Cristo voltará.
Os mortos ressuscitarão.
Satanás será lançado definitivamente no lago de fogo.
A morte será destruída.
A criação será renovada.
Que espécie de pessimismo poderia existir nisso?

O que o amilenismo rejeita não é a vitória de Cristo. Rejeita apenas a necessidade de identificar essa vitória com uma progressiva predominância histórica do cristianismo antes da segunda vinda.

Nossa esperança não depende de uma curva ascendente da história.

Depende de um túmulo vazio.

Nossa esperança não é escapar da criação

Existe ainda uma consequência que precisa permanecer clara, especialmente depois das aulas anteriores desta série.

A esperança cristã não termina quando morremos e vamos para a presença de Cristo.

Isso é glorioso, mas ainda é o estado intermediário.

A esperança completa é maior.

Esperamos a ressurreição.

Paulo não termina 1 Coríntios 15 dizendo que nossa esperança é abandonar definitivamente nossos corpos. Ele anuncia: *“Pois a trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis e nós seremos transformados.”* (1Co 15.52)

Deus não abandonará sua criação ao pecado.

O mesmo Deus que declarou no princípio que sua criação era “muito boa” irá libertá-la da corrupção (Rm 8.19–23).

Por isso aguardamos: *“novos céus e nova terra, onde habita a justiça.”* (2Pe 3.13)

Essa esperança impede que tratemos nossa vida presente como algo sem importância. O Deus que restaurará a criação se importa com aquilo que fazemos agora. Nosso corpo importa. Nosso trabalho importa. Nossa família importa. Nossa igreja importa. Nossa santidade importa.

A escatologia não nos torna menos comprometidos com o presente.

Ela nos ensina a viver o presente à luz da eternidade.

Então, como devemos esperar?

Talvez essa seja a pergunta com a qual deveríamos terminar.

Se Cristo já reina e voltará, como devemos viver?

Pedro responde depois de falar acerca do Dia do Senhor:

“Visto que tudo será assim desfeito, que tipo de pessoas é necessário que vocês sejam? Vivam de maneira santa e piedosa, esperando o dia de Deus e apressando a sua vinda.” (2Pe 3.11–12)

Essa é a verdadeira aplicação da escatologia.

Santidade.

Fidelidade.

Missão.

Esperança.

A expectativa da volta de Cristo deve entrar em nossa casa, alcançar nosso casamento, governar nosso dinheiro, disciplinar nossos desejos, modificar nossas prioridades e fortalecer nossa fidelidade à Igreja.

Se Cristo pode voltar, não queremos ser encontrados brincando com aquilo pelo qual Ele morreu.

Se Cristo reina, não precisamos viver aterrorizados diante dos poderes deste mundo.

Se Cristo ressuscitará nossos corpos, podemos enfrentar a morte sem desespero.

Se haverá julgamento, não podemos tratar o pecado com leviandade.

Se haverá novos céus e nova terra, nenhum sofrimento presente possui a palavra final.

E se estaremos para sempre com Cristo, então nossa maior esperança não é simplesmente que nossos problemas terminem.

Nossa maior esperança é vê-lo.

João escreve: *“Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é.”* (1Jo 3.2)

No final, essa é a escatologia cristã.

Não apenas acontecimentos.

Não gráficos.

Não datas.

Não sistemas.

Cristo.

Aquele que veio em humilhação virá em glória. Aquele que foi julgado pelos homens julgará as nações. Aquele que usou uma coroa de espinhos será reconhecido por toda a criação como Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Até esse dia, a Igreja continua fazendo aquilo que sempre foi chamada a fazer: pregar o Evangelho, fazer discípulos, celebrar os sacramentos, amar os irmãos, servir ao próximo, resistir ao pecado e permanecer fiel.

Não sabemos quando os mil anos terminarão.

Não sabemos quando começará a última manifestação da oposição.

Não sabemos o dia da volta.

Mas sabemos quem está sentado no trono.

E isso basta.

Conclusão

Ao longo deste estudo examinamos três grandes interpretações cristãs acerca do milênio. O pré-milenismo nos lembrou da seriedade com que devemos considerar a linguagem de Apocalipse 20 e as expectativas proféticas do Antigo Testamento. O pós-milenismo nos desafiou a não subestimar o poder do Evangelho e a autoridade presente de Cristo sobre as nações. O amilenismo, que adotamos como a interpretação mais coerente, procura reunir essas verdades dentro da tensão bíblica entre o Reino já inaugurado e sua consumação ainda futura.

Não precisamos desprezar aquilo que podemos aprender com irmãos que chegaram a conclusões diferentes.

Mas também não precisamos esconder nossa convicção.

Entendemos que **o milênio está acontecendo agora**. Cristo reina. Satanás encontra-se restringido segundo o propósito descrito em Apocalipse 20. O Evangelho está sendo levado às nações. Os santos que partiram estão com Cristo. A Igreja continua sua missão em meio à oposição. E a história caminha inexoravelmente para o dia em que Satanás realizará sua última tentativa de

oposição e será definitivamente derrotado.

Então virá o Rei.

Não secretamente.

Não como veio da primeira vez, em humildade.

Virá em glória.

Os túmulos serão abertos. Os mortos ressuscitarão. Os santos serão glorificados. Os ímpios serão julgados. Satanás será condenado. A morte morrerá.

E a criação será finalmente aquilo que Deus sempre determinou que fosse.

Por isso, quando perguntarem qual é nossa posição acerca do milênio, podemos responder: **somos amilenistas.**

Mas quando perguntarem qual é nossa esperança, a resposta deve ser muito maior:

Nossa esperança é Jesus Cristo.

“Aquele que dá testemunho destas coisas diz: ‘Sim, venho em breve!’

Amém. Vem, Senhor Jesus!

Oração Final

Senhor nosso Deus e nosso Pai, nós te agradecemos porque a história não está entregue ao acaso. Tu estabeleceste teu Filho como Rei e colocaste todas as coisas debaixo de sua autoridade.

Obrigado porque Jesus Cristo morreu, ressuscitou, ascendeu aos céus e reina. Quando olhamos para o mundo e somos tentados pelo medo, ensina-nos a olhar pela fé para o trono. Quando a Igreja parecer fraca, lembra-nos de que as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Quando enfrentarmos sofrimento, perseguição ou morte, faz-nos recordar que nossa vida está escondida com Cristo e que chegará o dia em que também seremos glorificados com Ele.

Livra-nos, Senhor, de transformar tua Palavra em objeto de especulação. Dá-nos humildade para reconhecer aquilo que não revelaste e coragem para afirmar aquilo que revelaste claramente.

Que a doutrina das últimas coisas produza em nós aquilo para o qual foi dada: santidade, vigilância, perseverança, missão e esperança.

Enquanto aguardamos a volta de teu Filho, encontra-nos fiéis.

Que nossas casas pertençam a Cristo. Que nossa igreja pertença a Cristo. Que nossos dons, nossos recursos, nosso tempo e nossos dias sejam empregados para a glória de Cristo.

E quando nossa própria morte chegar, se Cristo ainda não tiver retornado, concede-nos partir confiando naquele que venceu a sepultura.

Mas acima de tudo, Senhor, conserva em nós o desejo da Igreja de todas as épocas:

Vem, Senhor Jesus.

Em nome de Cristo.

Amém.

Bibliografia

BEALE, G. K. **The Book of Revelation: A Commentary on the Greek Text.** Grand Rapids: Eerdmans, 1999.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática.** São Paulo: Cultura Cristã.

BÍBLIA. **Nova Versão Internacional.** São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional.

EDWARDS, Jonathan. **A History of the Work of Redemption.**

GENTRY JR., Kenneth L. **He Shall Have Dominion: A Postmillennial Eschatology.** Tyler: Institute for Christian Economics.

HENDRIKSEN, William. **Mais que Vencedores: Interpretação do Livro de Apocalipse.** São Paulo: Cultura Cristã.

HOEKEMA, Anthony A. **A Bíblia e o Futuro.** São Paulo: Cultura Cristã.

LADD, George Eldon. **The Blessed Hope.** Grand Rapids: Eerdmans.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento.** São Paulo: Hagnos.

MATHISON, Keith A. **Postmillennialism: An Eschatology of Hope.** Phillipsburg: P&R Publishing.

RIDDLEBARGER, Kim. **A Case for Amillennialism: Understanding the End Times.** Grand Rapids: Baker Books.

WALVOORD, John F. **The Millennial Kingdom.** Grand Rapids: Zondervan.

WESTMINSTER ASSEMBLY. **Confissão de Fé de Westminster**, cap. XXXII–XXXIII.

CONFISSÃO DE FÉ BATISTA DE 1689, caps. XXXI–XXXII.